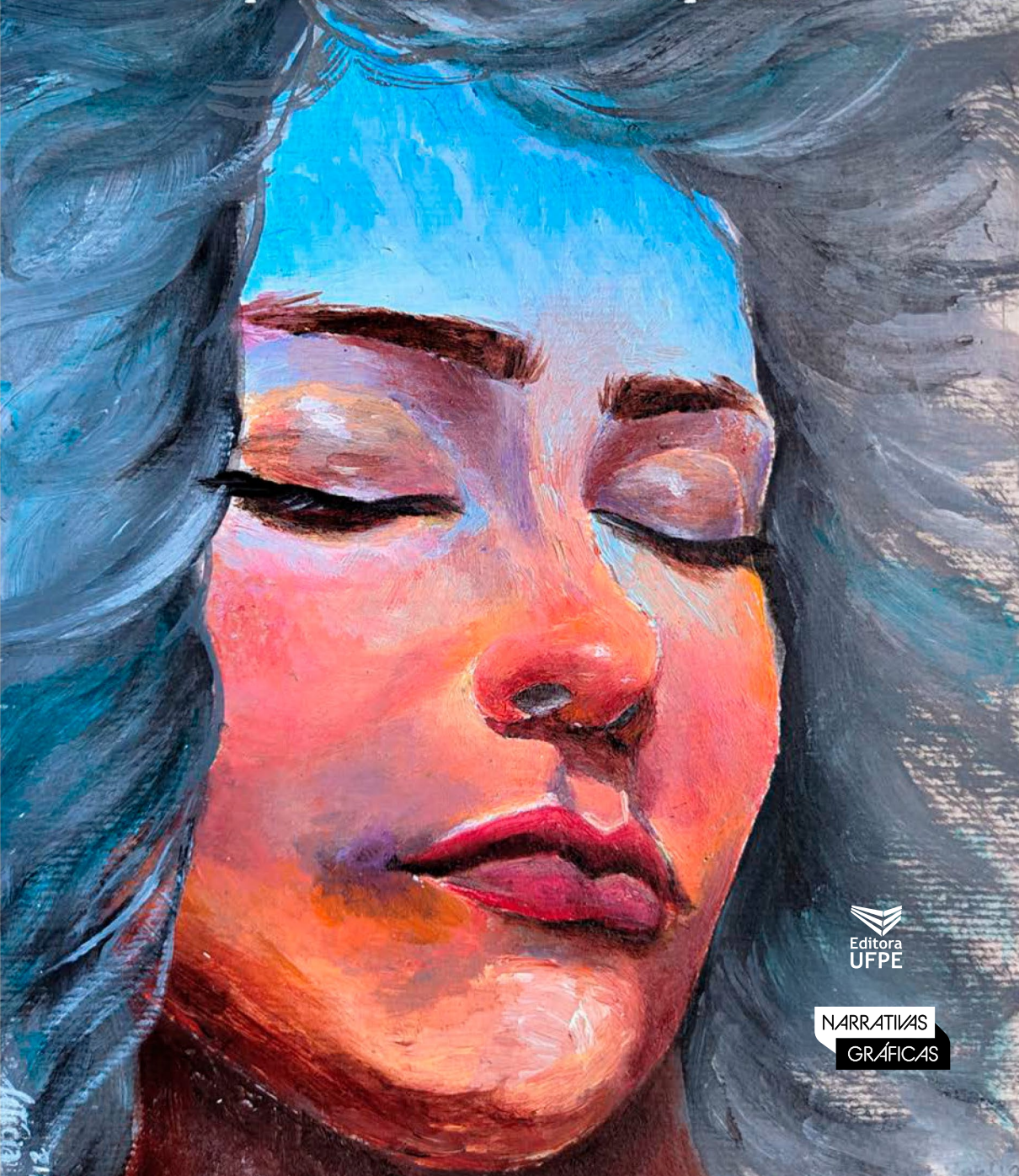


Wilson Chiarelli - Fábio Paiva (Orgs)

RETALHOS

de poéticas visuais e arte sequencial




Editora
UFPE

NARRATIVAS
GRÁFICAS

RETALHOS

de poeticas visuais e arte sequencial

Wilson Chiarelli
Fabio Paiva
(Orgs.)

RETALHOS

de poéticas visuais e arte sequencial



Recife – 2023

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho



Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Ribeiro Machel

Editoração

Revisão de texto: Mirelly Karoline Tabosa Pereira e Renata Soriano.

Projeto gráfico: Beatriz Maria Bandeira Miranda da Silva.

Tratamento de imagens: Matheus Domingos.

Capa: “Mergulho em Si”, acrílica, 2022, Lethícia Monteiro e projeto gráfico de Matheus Domingos.

Catálogo na fonte

Biblioteca Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

R437 Retalhos de poéticas visuais e arte sequencial [recurso eletrônico] / organizadores :

Wilson Chiarelli, Fábio Paiva. – Recife : Ed. UFPE, 2023.

Texto em quadrinhos.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-158-3 (online)

1. Histórias em quadrinhos. 2. Ficção brasileira – Pernambuco – Histórias em quadrinhos. 3. Graphic novels. 4. Memória coletiva na arte. I. Chiarelli, Wilson (Org.). II. Paiva, Fábio da Silva (Org.).

741.5

CDD (22.ed.)

UFPE (BC2022-091)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPE.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, inclusive de suas características gráficas e elementos de editoração, estando o eventual infrator sujeito às responsabilidades e sanções previstas em Lei.

Em memória de Lailson de Holanda Cavalcanti
26/12/1952 – 26/10/2021

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica manguê invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

(Fred Zero Quatro – Manifesto Caranguejos com Cérebro)

Apresentação

Propomos que “Retalhos” seja uma Graphic Novel, esse modelo de gibi pomposo, com muitas páginas e autores importantes. Desses que você paga uma nota alta para colocar na sua estante. daquelas edições que você, vez ou outra, busca com os olhos para se certificar de que está lá, ao alcance. E também, vez ou outra, pega para dar uma olhada, reler uns trechos, mostrar a alguém.

“Retalhos” também é, para nós, um texto acadêmico, dos mais trabalhosos, com referências pomposas, temática cult, que vai para a lista de consultas de pesquisadores dos quadrinhos (das artes, da comunicação, da educação, e do que mais queiram). Trabalho acadêmico que consta no currículo e que leva selo de editora prestigiada.

A obra apresenta-se como um registro poderoso e impactante do seu tempo (nosso tempo!). De pandemia, isolamento, controvérsias e lutas. De solidão e de introspecção.

As Histórias em Quadrinhos possuem esse poderoso formato que dialoga com o que somos primitivamente, usando imagens para narrar o que sentimos e, dessa forma, atingir as camadas de compreensão e emoção de uma maneira única. “Retalhos” toca no comum de todos nós e de cada um.

Ao ser gibi, reúne autores consagrados e iniciantes, revezando cores vibrantes de um estilo “fofinho” e um visceral preto sobre o branco. E cores viscerais e cinzas fofinhos. E tudo.

Ao ser produção acadêmica, transborda inovação e criatividade. Propõe algo comum para todo leitor de quadrinhos, mas terrível para grande parte da universidade: eis um trabalho de pesquisa dentro de um gibi!

Ao ser retalhos, traz de um e de outro a percepção de identidade, memórias, afetividades, conexões e posicionamentos.

Agradeço ao parceiro Prof. Wilson Chiarelli, pesquisador dedicado e entusiasta dos quadrinhos, pela oportunidade de ser mais um retalho (acadêmico e artístico) de “Retalhos”.

Aproveitem a obra em sua poética textual, visual e acadêmica.

Fábio da Silva Paiva é doutor em educação e especialista nas relações entre quadrinhos e educação. É professor no Centro de Educação da UFPE.

Sumário

O compromisso com a memória e a edificação de identidades

Wilson Chiarelli..... 09

Regresso

Joyce Mirely..... 18

A Maldição

Alice Lobo..... 41

O Prédio

Alan Guimarães..... 52

Canoa

Igor Costa..... 63

O Nevoeiro

José Hygor..... 78

Vândalo

Leonardo Bertrand..... 96

Panteão de Encantos

Thalita Gomes..... 109

2020

Anna Carolina..... 120

Nós de Barro

Flor das Águas..... 126

Marina

Beatriz Silvestre..... 133

Realidade

Mellanie Nascimento..... 140

Deus do Rio

Ronaldo Silvestre..... 150

Chance

Matheus Domingos..... 169

Querido Amigo

Marina Flora..... 184

Cinzas

Rogi Silva..... 189

Irmandade

Lailson de Holanda Cavalcanti..... 193

Alegoria das Raparigas

Wilson Chiarelli e Edna Chiarelli..... 197

O compromisso com a memória e a edificação de identidades

por: *Wilson Chiarelli*

APERTA ENTER!

E...

SE FALÁSSEMOS
DE NÓS MESMOS,



Chama
2019



DAS RELAÇÕES COM
HOSSOS PARES E
DEMAIS SERES VIVOS,

ALÉM DE TODO
O ESPAÇO FÍSICO
QUE NOS CIRCUNDA?



Embora a história em quadrinhos que abre essa introdução pareça uma convocação bastante inocente e despretensiosa, ela dialoga com uma série de postulados instituídos por artistas e intelectuais de natureza diversa, sendo dotada de propósitos bem definidos. Às vezes, escapa-nos a sensibilidade para prestar atenção em mensagens específicas, como a que está posta acima, a qual dialoga e complementa as orientações de Francisco de Assis França (1966-1997), na música Etnia - terceira faixa do álbum Afrociberdelia (1996), da banda Chico Science & Nação Zumbi:

Por detrás de algo que se esconde / Há sempre uma grande
mina de conhecimentos e sentimentos / Eu disse, por detrás
de algo que se esconde / Há sempre uma grande mina de
conhecimentos e sentimentos, e sentimentos / Não há
mistérios em descobrir / O que você tem e o que gosta / Não
há mistérios em descobrir / O que você é e o que você faz
(CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996).

Nas duas linguagens, percebemos as orientações dos autores para olhar para dentro do eu, com o propósito de expressar sentimentos e conhecimentos. Uma espécie de exercício de auto revelação, que denuncia maneiras de identificação e relações afetivas. Por isso, questionamo-nos: a quem interessa uma produção de conhecimentos que envolvam experiências particulares e quotidianas? Talvez não encontremos respostas claras para essa pergunta, mas compreenderemos como diferentes áreas do conhecimento defendem esse tipo de abordagem.

Curioso é como o repertório de pesquisas no campo das Artes Visuais e da Educação Patrimonial nos serviu para nortear a produção de histórias em quadrinhos em ambiente acadêmico. Elas possibilitaram entendimentos relevantes para alicerçar práticas educativas e maneiras de expressão. Nos fez compreender, por exemplo, que, durante o período vanguardista, romper com os postulados do academicismo, desconstruir linhas e formas, aplicar cores arbitrárias e selecionar motivos compostos por personagens

anônimos em circunstâncias quotidianas, tornam-se sofisticado e transgressor (GOMBRICH, 2012; BELL, 2008). Além de esclarecer que o conceito de patrimônio, antes restrito ao excepcional e edificado, passou cada vez mais a abarcar toda heterogeneidade do quotidiano (PELEGRINI; FUNARI, 2013.), passando, inclusive, a entendê-lo como fonte documental para realização de processos permanentes e sistemáticos de trabalhos educacionais, centrados no Patrimônio Cultural, para o conhecimento e enriquecimento individual e coletivo (HORTA, 1999).

Esses entendimentos legitimaram a criação de "Retalhos", graphic novel desenvolvida no seio do Curso de Artes Visuais da UFPE - um projeto coletivo que envolveu a participação de alunos dos cursos do Centro de Artes e Comunicação (CAC), corpo docente e profissionais do campo das artes pernambucanas para sua produção. Por ter sido criada no calor da política de isolamento e durante a ascensão de governos conservadores no Brasil e no mundo, torna-se um fragmento da memória acerca de um contexto específico, composto por doses homeopáticas de estímulos para compressão de que vivenciamos um cenário pós-apocalíptico. Nesse contexto, percebemos reconfigurações nas relações sociais - nas maneiras de se comportar e sentir - que certamente estão expressas nas linhas, formas, cores e enredos das narrativas aqui contidas. O que elas nos dizem sobre o tempo vivido? Que escolhas e posicionamentos nelas estão presentes? Uma coisa é certa: Retalhos é fruto daquilo que passou e não é mais, convertendo-se automaticamente em memória e reflexo do seu tempo, como toda produção cultural! (CHARTIER, 2016; DARNTON, 2018; GINZBURG, 2016).

Apropriando-se de uma metodologia mista para produção das histórias em quadrinhos, enveredamos por concepções espontaneístas de ensino da arte (BORRE, 2010); buscamos referências estratégicas para estimular a criatividade, em ações educativas norteadas pelos princípios da Educação Patrimonial

(HORTA, 1999); discutimos sobre arte moderna (ARGAN, 1992; GOMBRICH, 2012) e o seu desdobramento até misturar-se com o Regionalismo pernambucano na primeira metade do século XX (FREYRE, 1996; ANJOS e MORAIS, 1998; CABRAL, 2017); além de compartilhar experiências sobre a linguagem e semiótica dos quadrinhos (CAGNIN, 2014; EISNER, 2010; McCLOUD, 2008), durante todo o segundo semestre de 2020. Nesse percurso, produzimos narrativas expressas por meio de desenhos, pinturas, fotografias e montagens, cada uma com identidade visual específica e versando sobre algo que transita entre o fantástico e a concretude. Um verdadeiro emaranhado de fragmentos de experiências sensíveis dos envolvidos no projeto, com seus pares, seres vivos, além de todo o espaço físico e virtual que os circundam. Em outras palavras, da relação dos agentes sociais com os bens culturais materiais e imateriais de sua região. Essa união torna-se, então, um possível ato de resistência quando a ordem do dia foi o distanciamento.

No Minidicionário da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno (2007), o autor define retalho como “parte de uma coisa que se retalhou; recorte; resto de peça de tecido. Como se tece um grande lençol composto por vários fragmentos, desenvolvemos “Retalhos” a partir daquilo que sobrou de nós ou que sentimos necessidade de reverberar em função do isolamento social. Assim, a saudade do “rolê” no Recife Antigo ou no Sítio Histórico de Olinda; a fúria contra a gestão do executivo; a vontade de colocar um fim na ansiedade infinita que habita o coração de cada um; o medo propagado pelo clima de instabilidade difundido nos principais meios de comunicação; e/ou amadurecimento gerado pela superação de um problema pessoal, tornam-se combustível para denunciar escolhas, sentimentos e sentidos atribuídos a eventos, objetos e rituais que, muitas vezes, nos escapam a compreensão e constituem a configuração identitária específica.

No entanto, o que buscamos compartilhando esses símbolos identitários? Que tipo de narrativa edificaremos por meio dessa construção? E mais: como seremos rememorados a partir desse projeto, seus precedentes e possíveis produções futuras? Toda liberdade criativa nos foi dada. No passado, artistas de vanguarda transgrediram proporcionando a aceitação, no interior das academias, de variadas formas de representação e configurações estéticas, além da ruptura entre arte erudita e indústria cultural (GOMBRICH, 2012; BELL, 2008). Em paralelo, intelectuais de diferentes naturezas empregaram uma verdadeira batalha para ampliação do entendimento do que se considera como patrimônio cultural, configurando um multiculturalismo sem precedentes. Isso permitiu elevar nosso projeto a níveis estratosféricos de democratização das escolhas pessoais de cada envolvido. O poder de criar narrativas figurativas carregadas de valores, crenças e sentidos converte-se, nesse sentido, em ato de sensatez para com as futuras gerações diante desse clima de instabilidade vivenciado - pois acreditamos que, com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades, como pontuou o próprio Tio Ben (LEE, 1962). E, para não parecer absurdo citar um personagem de história em quadrinhos para legitimar uma atividade acadêmica - e que entendemos, alegoricamente, habilidades e competências como poderes especiais -, lembremos que, de acordo com Barroncas (2012), "trabalhar com o passado demanda certa responsabilidade - ética e social - dos que se propõe a esse ofício" (BARRONCAS, 2012. p.124). E completa:

"A memória é um desses rastros que o historiador pode transformar em fonte. Um resquício que persiste em continuar entre nós, que nos ajuda a estabelecer laços de identidade individual e coletiva (BARRONCAS, 2012. p.125).

Na operação que realizamos, podemos tranquilamente assumir esse compromisso com nossas memórias, tal como os historiadores – mesmo alicerçados pela licença poética. Assim, o poder de criar narrativas capazes de serem transmitidas e, conseqüentemente, constituir o repertório identitário e cultural de uma dada comunidade nos coloca com tais poderes e responsabilidades em mãos. Catroga (2001) classifica três categorias de memória: a protomemória, a memória e a metamemória. A primeira refere-se às nossas maneiras de socialização e nossos habitus – o que está na esfera do automatismo. Seguida pela memória propriamente dita, constituída pelas recordações e pelos reconhecimentos. Sendo a metamemória designada pelas representações sociais do que foi vivenciado pelos agentes. Para o autor, o sujeito e a coletividade buscam a anamnese. E, por meio dessas categorias, sobretudo as duas últimas, compreendemos os significados velados pelas maneiras como cada indivíduo se envolve com o passado; como conduzem a edificação identitária; e como distinguem-se dos demais (CATROGA, 2001). Nesse sentido, quais são nossas necessidades do presente e expectativas para o futuro? Seleccionamos as memórias adequadas para supri-las?

O desdobramento do tempo se encarregará de apresentar respostas, abrindo precedentes para novas reflexões. Por enquanto, acreditamos ser pertinente investir em narrativas que incitem discussões edificantes de qualquer natureza. Violência contra mulher, tolerância religiosa, relação dos agentes com espaço urbano, questões de gênero, multiculturalismo, depressão, preservação do meio ambiente, política partidária, subversão, são apenas alguns dos temas transversais que podem ser debatidos a partir das narrativas de Retalhos. Por outro lado, enquanto ação educativa, entendemos que, alguns pontos mostram-se relevantes para os envolvidos que se apropriaram do patrimônio cultural como fonte de pesquisa, ao agregar novas perspectivas ao processo de formação profissional. Nesse sentido, buscamos entender a criação de narrativas em quadrinhos como produção cultural, histórica e

social; abordar o desenho como agente de interlocução entre os bens culturais e a sociedade; compreender a importância do professor mediador nas atividades lúdicas e artísticas; conhecer e desenvolver propostas pedagógicas para/com o patrimônio cultural como assunto pertinente ao cotidiano da comunidade; conhecer e refletir sobre alguns documentos que regem as relações didático-pedagógicas para/com o patrimônio cultural, entre eles os PNCs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC); investir no resgate de narrativas autobiográficas.

Por fim, entendemos que todos os esforços empregados no presente projeto, possivelmente, podem induzir esses profissionais em formação à reproduzirem propostas semelhantes de trabalho com outros grupos de artistas ou alunos. Acreditamos que, se o professor experimenta e intervém como protagonista na construção de conhecimentos, provavelmente, incitará protagonismo. Sendo assim, “historiar o eu, passa a ser, então, um processo constante de autoconstrução e auto negociação; nesse sentido, é possível enxergar o eu como um projeto contínuo de historicização e narrativização” (GOODSON, 2013, p. 257). Assim, projetos como Retalhos constituem um excelente recurso para envolver a comunidade em operações artísticas. Mostrando-se, assim, ambicioso ao propor um trabalho de edificação e transmissão de sentidos e significados, além da ressignificação dos bens culturais.

Referências.

ARGAN, G. C. (1988-1992). **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras.

BARRONCAS, R. **A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador**. In. Tempo de Histórias. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB) N°. 21, Brasília, Ago.

BELL, J. **Uma Nova História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORRE, L. **As imagens que invadem as salas de aula**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

CABRAL, C. H. R. **O modernismo fora do eixo Rio/São Paulo** - Recife como polo de

CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHARTIER, R. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREYRE, G. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

DARNTON, R. **O Grande Massacre de Gatos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. Rio Janeiro: LTC, 2012.

GOODSON, I. Historiando o eu: a política-vida e o estudo da vida e do trabalho do professor. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

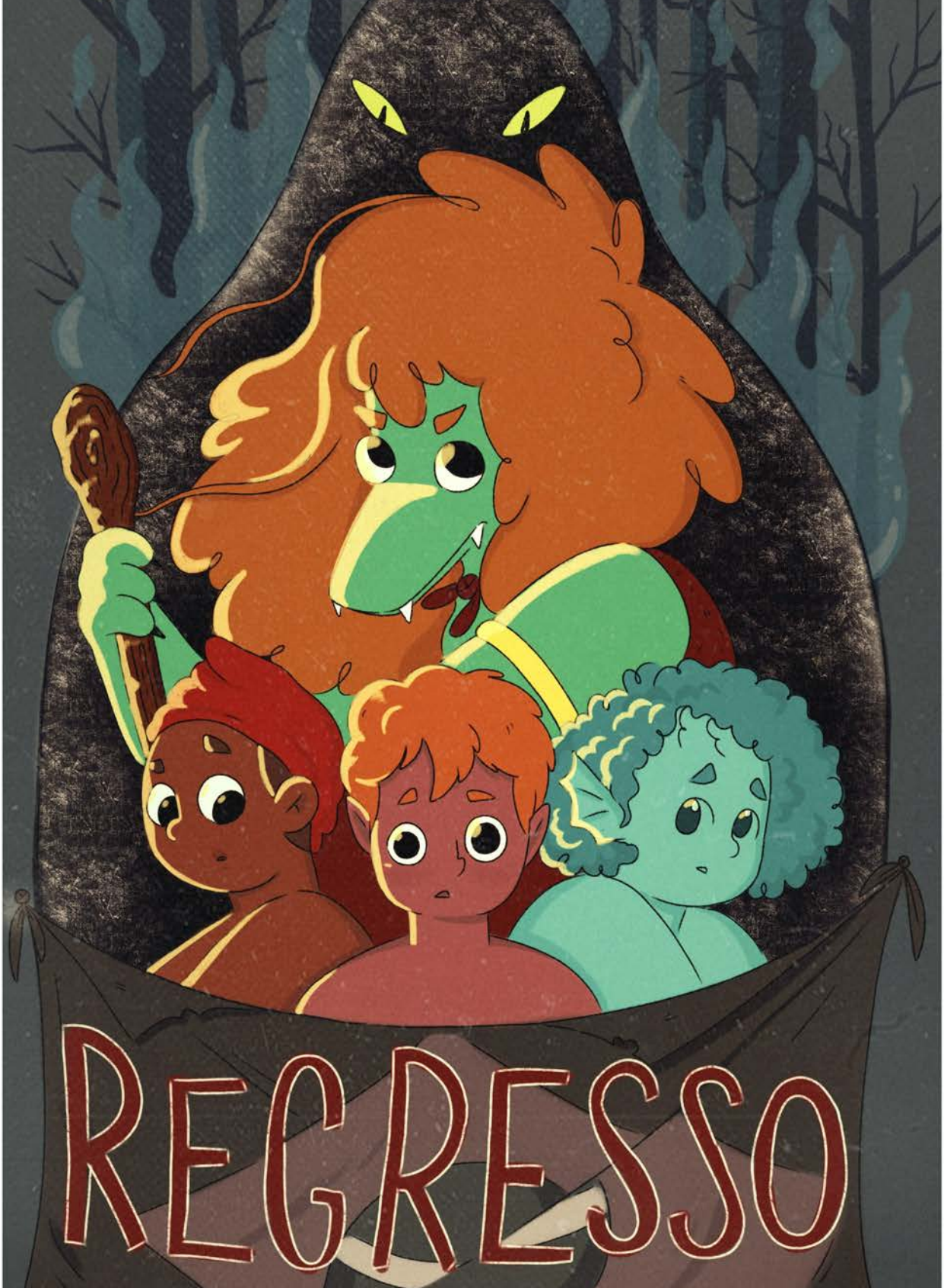
HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

PELEGRINI, S.; FUNARI, P. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MCCLOUD, S. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

Regresso

por: Joyce Mirelly



REGRESSO

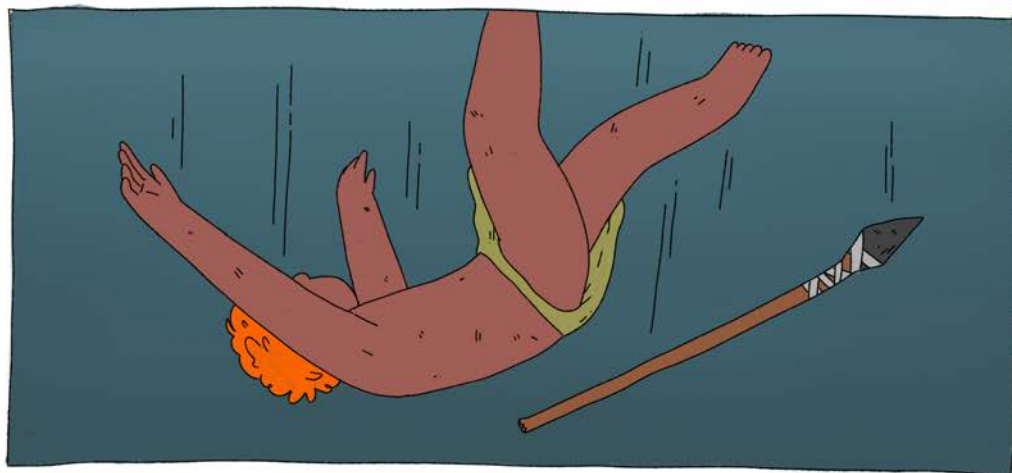


ESCRITO e ILUSTRADO

POR

Joyce MiReLy

2020





O que aconteceu?...



A GENTE NÃO SABE!



MAS O ATAQUE FOI MUITO FORTE
DESSA VEZ, E A GENTE NÃO TEVE
COMO AGUENTAR



CAPTURARAM A MULA SEM CABEÇA,
FALARAM QUE ERA MAIS UMA PRA ABATE-
PRO GADO

NÃO!!!
SANTA MÃE NATUREZA,
A GENTE PRECISA IR ATRÁS!

NÃO DÁ CAIPORA! EU TÔ
SUMINDO!!!

O QUE?!

ELES TÃO MATANDO A CASA DA GENTE.
POR ISSO A GENTE TÁ SUMINDO



SE DESTROEM A MINHA CASA,
ME MACHUCAM TAMBÉM.

A GENTE NÃO SABE O QUE FAZER, MUITOS
FUGIRAM E SE ESCONDERAM



ENVIAMOS O SACI PRA DESCOBRIR O QUE
TÁ POR TRÁS DISSO, MAS ELE AINDA
NÃO VOLTOU COM QUALQUER NOTÍCIA

TÔ COM MUITO MEDO, CAIPORA



SE A GENTE NÃO DESCOBRIR
NADA LOGO, EU VOU ACABAR...

NÃO, NÃO VAI

ISSO NÃO VAI
ACONTECER



A GENTE VAI CONSEGUIR, CÊ VAI MELHORAR
LOGO E

Ô GEEEEENTEEEEE!!!

SACI?!!





Ele usava o pretexto de catequizar os indígenas e se transformava de noite, pra matá-los



Então por isso a Cuca sabe? Ela viu?

Num sei, mas ela deve ter visto ou notado alguma coisa... Ela é bruxa né

Mas por que ele matava, saci?

Os indígenas são conectados com os deuses, cedo ou tarde iam descobrir



Seja lá qual fosse o plano dele, não era muito diferente do plano de qualquer cristão dali. Todos eles machucaram a nossa família, roubaram tudo e ainda pregam que são os benfeitores... Não g-

A NAIÁ!



Que susto oxe

O que tem a Naiá, Iara?

Ela me contou como ela virou Vitória Régia, acho que tem a ver com tudo isso



Ela disse que tava passeando de noite e viu um padre se transformar em algo horroroso, uma forma que ela não conhecia

VALEIME

Mas o que ela fez? Fugiu?

Fugiu, o mais rápido que podia

Misericórdia to ficando nervoso



Aí no outro dia ela foi contar pro cacique o que tinha visto. Mas antes ela resolveu pedir a bênção da lua, cês sabem que Naiá é apaixonada por Jaci né

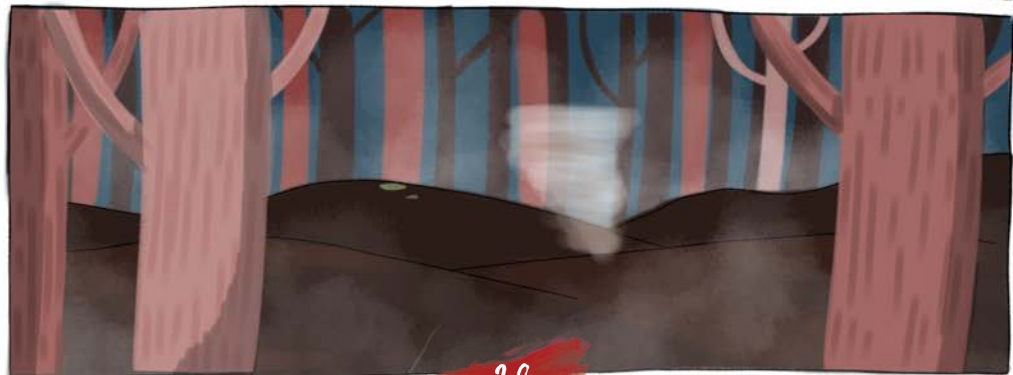
Uhum

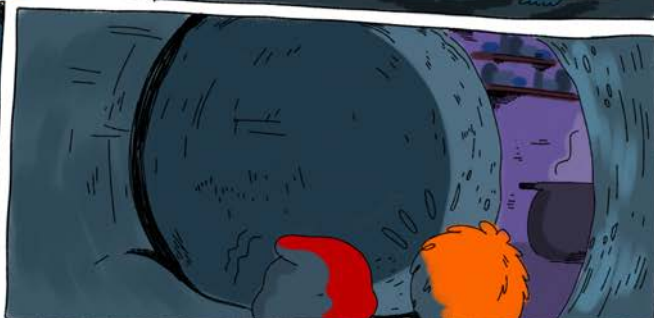
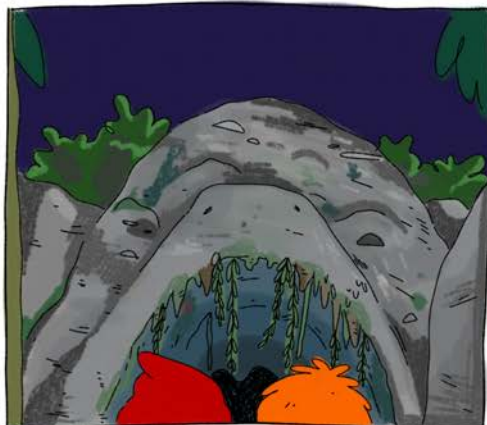
Só que enquanto ela pedia a bênção, ela sentiu algo bem atrás dela...













PRECISAMOS CAPTURAR UM
PERTENCE DE CADA UMA
DAS PESSOAS QUE O
METAMORFO JÁ FOI

O CRUCIFIXO
DO PADRE...

A PLAQUETA DO
MILITAR...

O CAJADO DO
BICHO PAÃO

E A FAIXA PRESIDENCIAL

JUNTOS, ESSES OBJETOS
REVELAM SEU VERDADEIRO
CORPO E O DEIXAM FRACO

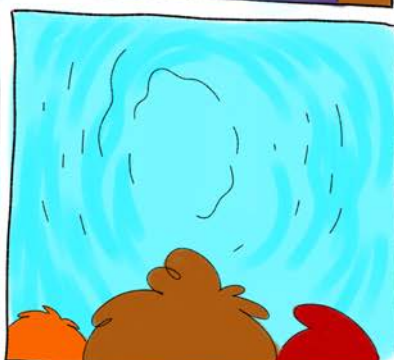
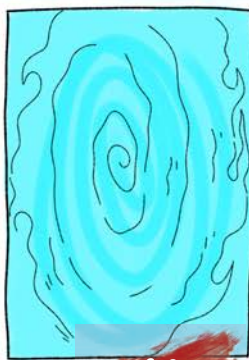
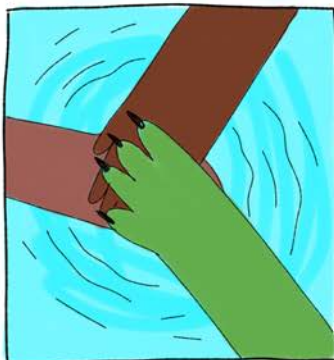
MAS COMO A GENTE
PEGA ESSES BREBOTE
SE ELE NÃO É MAIS
ESSAS PESSOA?

SACI TÁ CERTO,
ESSES OBJETOS ERAM
PARTE DELE, NÃO TEM
COMO RECUPERAR

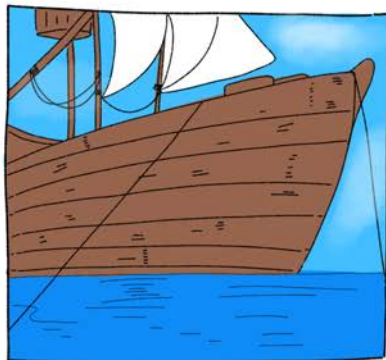
EXATAMENTE

POR ISSO A GENTE
VAI VOLTAR NO TEMPO

VOLTAR NO TEMPO?





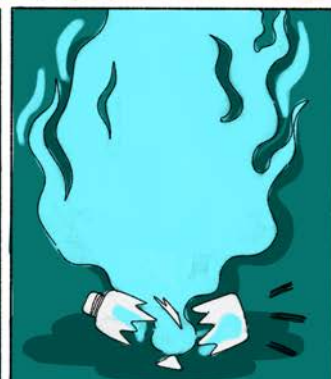












2018



A Maldição

por: Alice Lobo



Se lembra de Laura?
Então foi ela que
estreou Fernando e
Isaura lá perto do
Passo Alfandega.
Antes de ser um
shopping. Foi num
armazém portuário.
A vista era linda
demais...



**MÃE A
ÁGUA!!!**

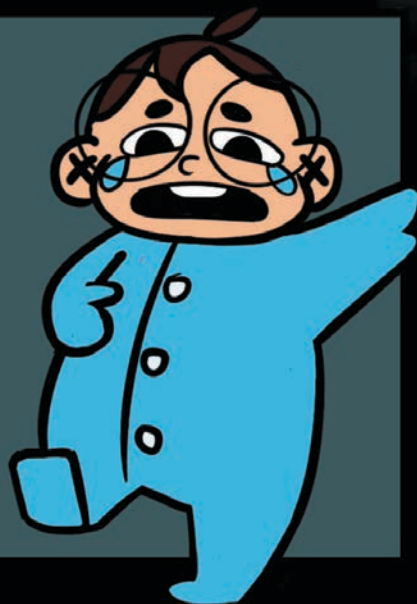




Acho que foi por isso que eu acabei não entrando na montagem nessa época.

Você era muito pequena e chorava muito. Sempre queria atenção sabe...

Ensaiai ia demandar muito tempo...





Anos se passaram e muitas peças incríveis aconteceram no Armazém 14. Quando soube que teria uma remontagem de Fernando e Isaura fiquei muito animada.

Muitos atores da época tavam. Caio, Marcos e outros que eu não conhecia como Ana e Pedro



SEJA
BEM
VINDA
!!!



E Laura que foi a primeira pessoa a me convidar.









Não acredito...Ele disse
que tava na dúvida se
voltava pra casa pra
depois buscar a esposa
no aeroporto. Ou se
passava um tempo e
depois ia.
Tentamos convencer ele
de que era mais seguro
ficar com a gente porque
tava de madrugada.



Pois é... Acabei de receber a notícia de
que encontraram o corpo dele na praia de
Olinda...

Aí minha filha
foi horrível.
Acho que aquele
Armazém estava
amaldiçoado. E
tinhamos que
continuar. Já
fomos pagos pelo
Funcultura.

PREFIRO
NÃO PENSAR
NISSO

PREFIRO LEMBRAR
DAS COISAS BOAS
SABE...

Sei...
Mas
mudando
de assunto.
Você fazia
quem?

Fazia a
Isaura jovem

E uma ceguinha que
dançava com um
boneco kkkk o pessoal
ria muito nessa parte.



Confesso que lembro
de poucas coisas.
Gostava de ver o
navio que passava
do lado do camarim

PERSEGUIR O GATO
POR ENTRE AS
ARQUIBANCADAS

GATINHO!





Ah eu lembro desse
gato kkkk.

Tinham coisas muito
engraçadas como o
barulho do navio que
tocava na hora da
morte de Fernando.

Enfim, passamos por
muitas coisas juntos.



A peça foi um sucesso
bonito... Momentâneo.

Acho que tinha uma
música que fazia
assim...

Lá vem a lua saindo por detrais de uma palmeira



Passei por lá um
dia desses. Virou
uma empresa...



PELO
MENOS

A
MEMÓRIA
FICOU



O Prédio

por: Alan Guimarães

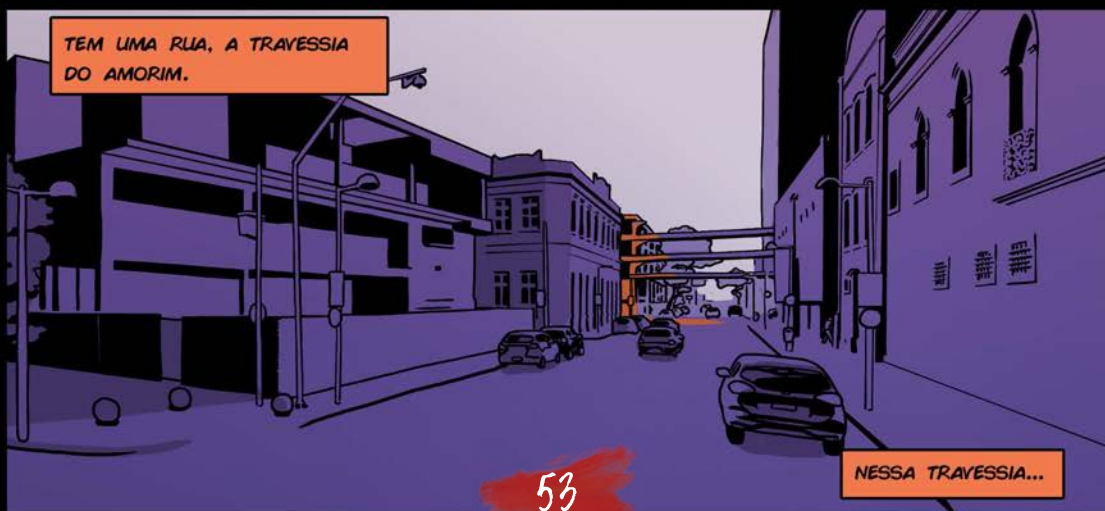
NO RECIFE ANTIGO



PRÓXIMO AO PAÇO ALFÂNDEGA
E À FINADA LIVRARIA CULTURA



TEM UMA RUA, A TRAVESSIA
DO AMORIM.



NESSA TRAVESSIA...

...EXISTE UM PRÉDIO.

O Prédio

POR ALAN GUIMARÃES

ELE PARTILHA DO ESTILO ECLÉTICO
VISTO COM FREQUÊNCIA NA CIDADE



COM SEU MEDALHÃO BARROCO



E SUAS COLUNAS QUASE GREGAS.

COMO TAMBÉM SE VÊ PELA
CIDADE



O PRÉDIO SE ENCONTRA
ABANDONADO E EM
NECESSIDADE DE REPAROS.

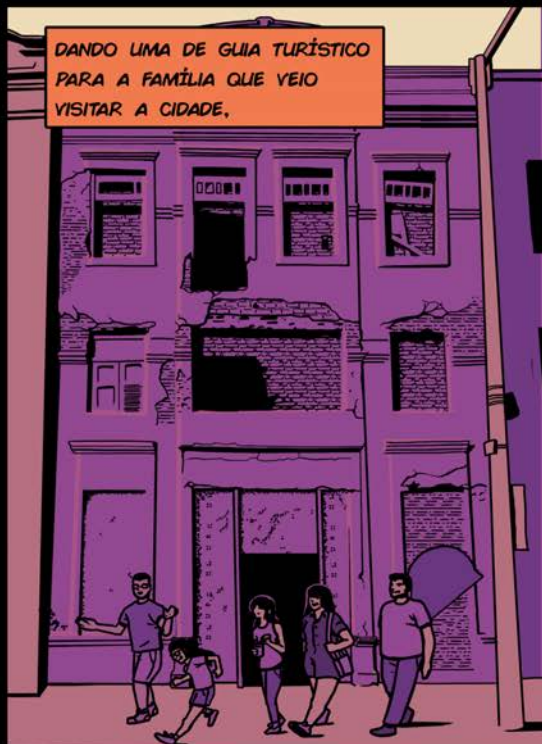


INDO DO PAÇO PARA O MARCO ZERO,
SEMPRE ME VEJO PASSANDO POR ELE
QUANDO ESTOU NO RECIFE.

MINHAS SAÍDAS COM OS
AMIGOS DA FACUL.



DANDO UMA DE GUIA TURÍSTICO
PARA A FAMÍLIA QUE VEIO
VISITAR A CIDADE.



INDO DO RECREIO PRO
MARCO PRA ASSISTIR LENINE.



VOLTANDO DO MEU PRIMEIRO
TÉRMINO.



TENHO ESSA FACHADA DECADENTE
COMO TESTEMUNHA DA MINHA VIDA.



COM SUAS JANELAS
CAÍDAS,



O PORTÃO PRA IMPEDIR A
POPULAÇÃO DE RUA DE ENTRAR,



O BURACO NO TELhado.



POUCO ANTES DE UMA VIAGEM,
VI QUE O PRÉDIO TAVA EM OBRA



FIQUEI ANIMADO.

TAMBÉM COM RECEIO



QUE CARA ELE TERIA
NA MINHA VOLTA?



QUE PROPÓSITO?



TAVA TORCENDO PARA ALGO ASSIM:



NO FIM, ELES SÓ TROCARAM O
TELHADO QUE TINHA CEDIDO



(DÁ PRA VER AS
VIGAS PELAS JANELAS)

E SABE, EU ENTENDO.

PRESERVAÇÃO TÁ SEMPRE
NO FIM NA LISTA DE
PRIORIDADES DE UMA
CIDADE COM PROBLEMAS
MAIS URGENTES.

SE VOCÊ FOR
RESTAURAR UM
PRÉDIO, BEM...

...EXISTEM OUTROS NO
RECIFE EM SITUAÇÃO
SEMELHANTE,

MAIS VISÍVEIS,

QUE NÃO DÃO DE
FRENTE PARA UM
ESTACIONAMENTO EM
UMA VIA QUALQUER.

INFERNO, TEM UM DESSES
PERTINHO DO MARCO ZERO.

SE EU FOSSE APOSTAR EM UM
CANDIDATO À REFORMA, SERIA
ESSE.

NÃO ACHO NADA ONLINE
SOBRE O PRÉDIO.

Google

Q

É SÓ MAIS UM ENTRE
VÁRIOS NESSA SITUAÇÃO

NÃO ESPERO DE PÉ O DIA EM QUE
UMA REFORMA MAIS DEFINITIVA SEJA
TOMADA.

E ENQUANTO O TELHADO NOVO DEVE
TER LHE COMPRADO MAIS ALGUNS
ANOS,

DENTRE OS SEUS, O
PRÉDIO NÃO POSSUI
NENHUM CHAMARIZ

E AINDA ASSIM...

ME VEJO PEGANDO O CAMINHO
MAIS LONGO PARA VÊ-LO.



TALVEZ TENHA SIDO ISSO QUE ME
ATRAIU EM PRIMEIRO LUGAR.



Canoa

por: Igor Costa



igor costa





tomar decisões difíceis
faz parte da vida.



principalmente quando
o que se busca são
coisas boas.



se sentir bem com
tudo que está em
volta e consigo mesmo

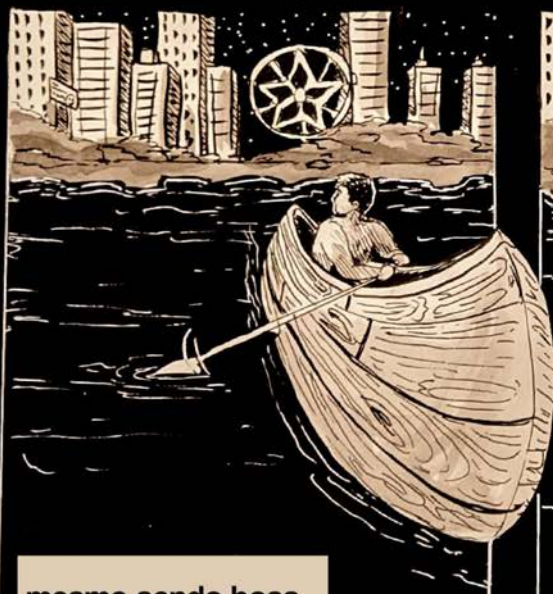
pode exigir alguns
sacrifícios.



se afastar
um pouco



e se desligar de coisas
que têm nos feito mal
por alguns momentos,



mesmo sendo boas
demais em outros,



é aprender a
limitar aquilo
que nos fere e
evitar mais
dores.



e o caminho em busca de uma estabilidade saudável para o emocional pode ser árduo.

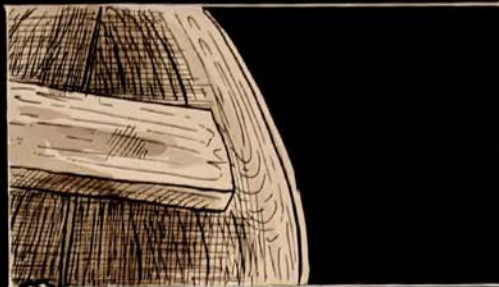


é como enfrentar o mar
em uma canoa.
arriscado, porque
nunca se sabe quando
uma tempestade pode
surgir,



mas necessário, porque,
para chegar onde se quer,
a vida pede riscos.





eu sempre fui uma pessoa que
nunca teve medo de mergulhar
de cabeça.



às vezes, eram
mergulhos em
águas rasas.

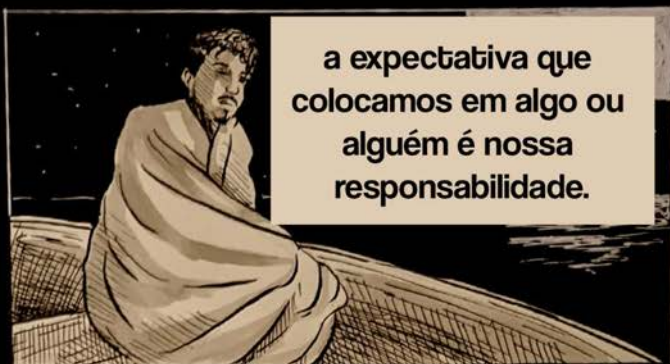
onde eu me afogava.



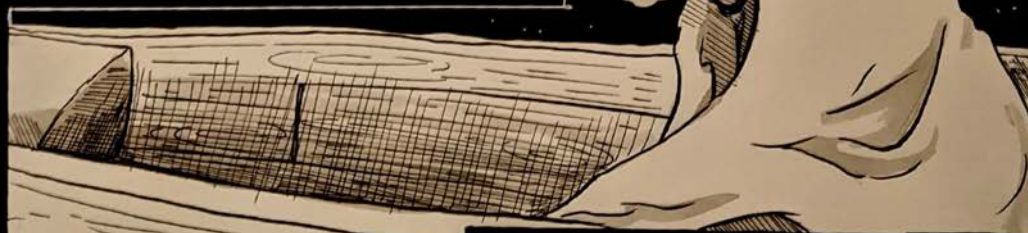
na esperança de que
alguém mergulhasse
também.



e essa é uma coisa que precisa ser trabalhada.



a expectativa que colocamos em algo ou alguém é nossa responsabilidade.



e temos que aprender a lidar com ela e com prováveis decepções.





um dia a gente enxerga





que a
expectativa de
alguém não é um
bom lugar pra se
viver.



acho que preciso entrar em harmonia com meus pensamentos.



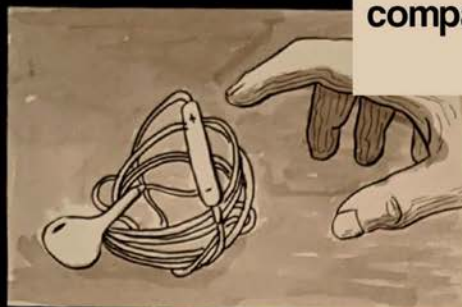
as vezes sinto como se eu estivesse ausente de mim mesmo.



preciso me conectar comigo.



aprender a
apreciar minha
companhia

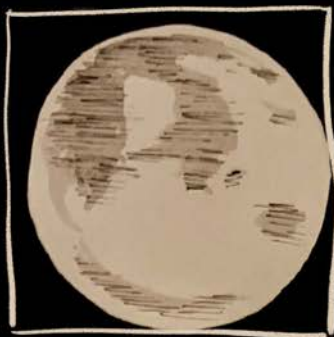


até que no momento
em que me sentir só



signifique que estou
me sentindo bem.





mas sei que ainda
tem muito mar
pela frente

e muitas
tempestades a
se enfrentar.



há muito de mim
a deixar ir



e muito de mim
a se conhecer.

se vou continuar a ser
o que sou agora,
eu não sei.



mas sei que
ainda serei eu.

O Nevoeiro

por: José Hygor

O NEVOEIRO

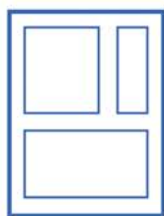
**E CHEGA A
TEMPESTADE...**

Depois que uma tempestade causa danos em sua casa no Maine, David Drayton e seu jovem filho Billy vão à cidade para conseguir alimentos e suprimentos.

Prólogo

EXPERIÊNCIA TRANSMÍDIA

A ideia da HQ Transmídia se baseia na convergência das mídias, onde a experiência da história em quadrinhos é ampliada através dos quadros animados.



+



QUADROS ANIMADOS

Ao posicionar a câmera nos Códigos QR você poderá ver o quadro animado.









NÃO TEM ENERGIA.
TODOS ESTÃO ESTOCANDO
COMIDA. POR CAUSA DA
TEMPESTADE.

COMO ISSO ESTÁ
AGITADO HOJE.

BOA SORTE!



OBRIGADO,
DAVID!



BOM DIA OLLIE,
QUE DIA, HEIN?

ESTÃO TODOS AGITADOS HOJE,
ISSO AQUI PARECE
UM FORMIGUEIRO.



VAMOS VER SE
CONSEGUIMOS SINTONIZAR
NA AM?





É INCÊNDIO?
A MAMÃE TA BEM?

TEM UM NEVOEIRO
COBRINDO TUDO. E ALGUMA COISA
DENTRO DELE DEVOROU
MEU CACHORRO!

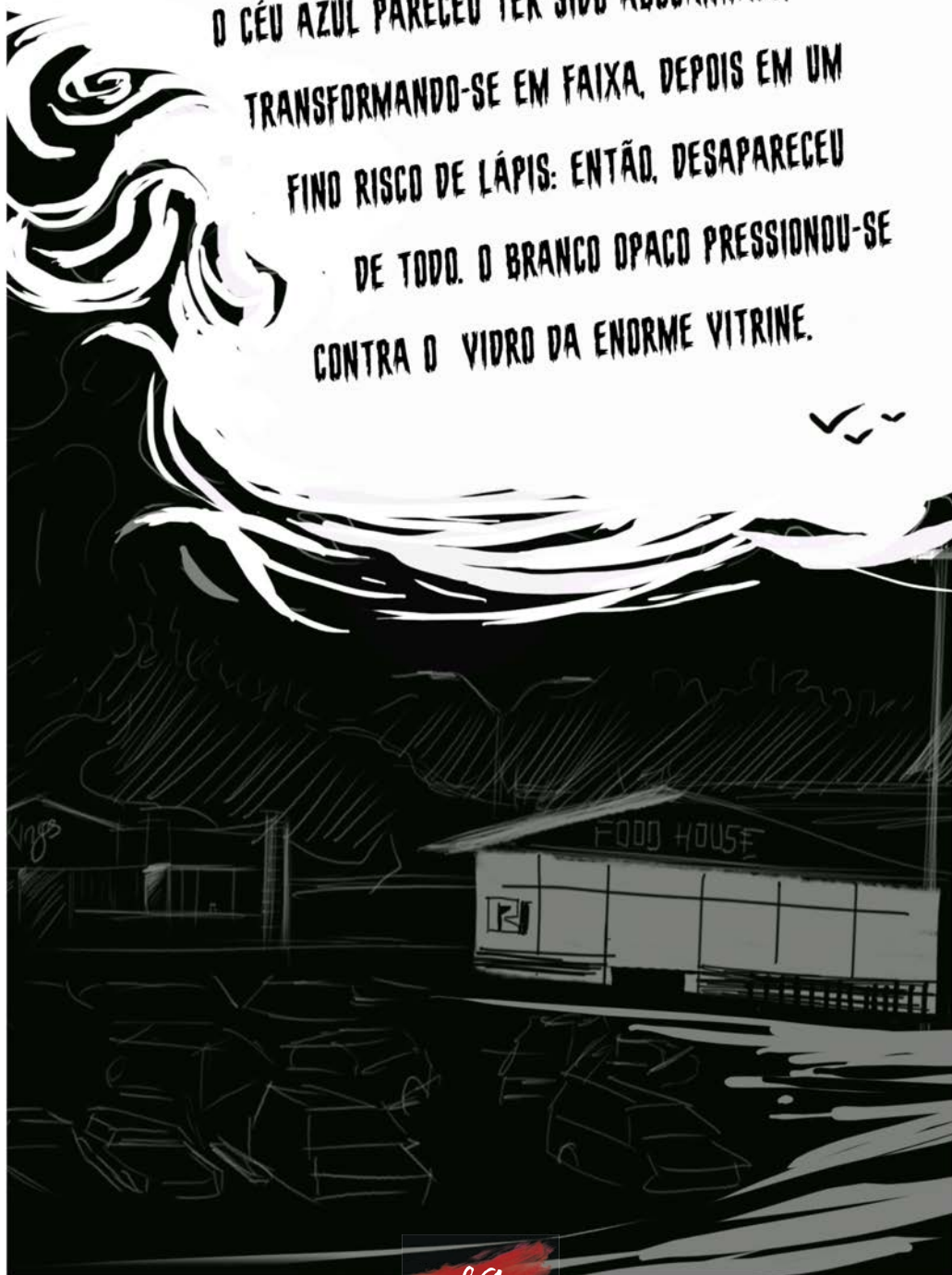
PAL, TÔ COM MEDO!



CHEGA O NEYDEIRO...



O CÉU AZUL PARECEU TER SIDO ABOCANHADO,
TRANSFORMANDO-SE EM FAIXA, DEPOIS EM UM
FIMO RISCO DE LÁPIS: ENTÃO, DESAPARECEU
DE TODO. O BRANCO OPACO PRESSIONOU-SE
CONTRA O VIDRO DA ENORME VITRINE.









É A MORTE! SINTO QUE A
MORTE ESTÁ LÁ FORA!







ALGUÉM PODE ME
ACOMPANHAR
ATÉ EM CASA?



VOCÊ
DAVID?



JÁ TENHO MEU FILHO
PRA ME PREOCUPAR...



ESPERO QUE TODOS
APODREÇAM NO INFERNO!

Ela deslizou para dentro do nevoeiro. Nós a vimos ir e ninguém disse nada. Vimos o nevoeiro abraçá-la, torná-la insubstancial, não mais um ser humano, porém o desenho a tinta de um ser humano, feito no papel mais branco do mundo; e ninguém disse nada. Por um momento, foi como as letras do aviso, MANTENHA A DIREITA, que tinha parecido flutuar no nada; seus braços, pernas e o pálido cabelo louro desapareceram, permanecendo apenas os enevoados remanescentes de seu vestido vermelho de verão, como se dançassem em um limbo alvacento. Então, o vestido também desapareceu e ninguém disse nada.

Vândalo

por: *Leonardo Bertrand*



A photograph of a human hand, palm facing up, with visible blood smeared across the fingers and palm. The hand is set against a crumpled blue background. The entire image is framed by a thick black border.

UM DIA
ELES VÃO
NOS ESCUTAR

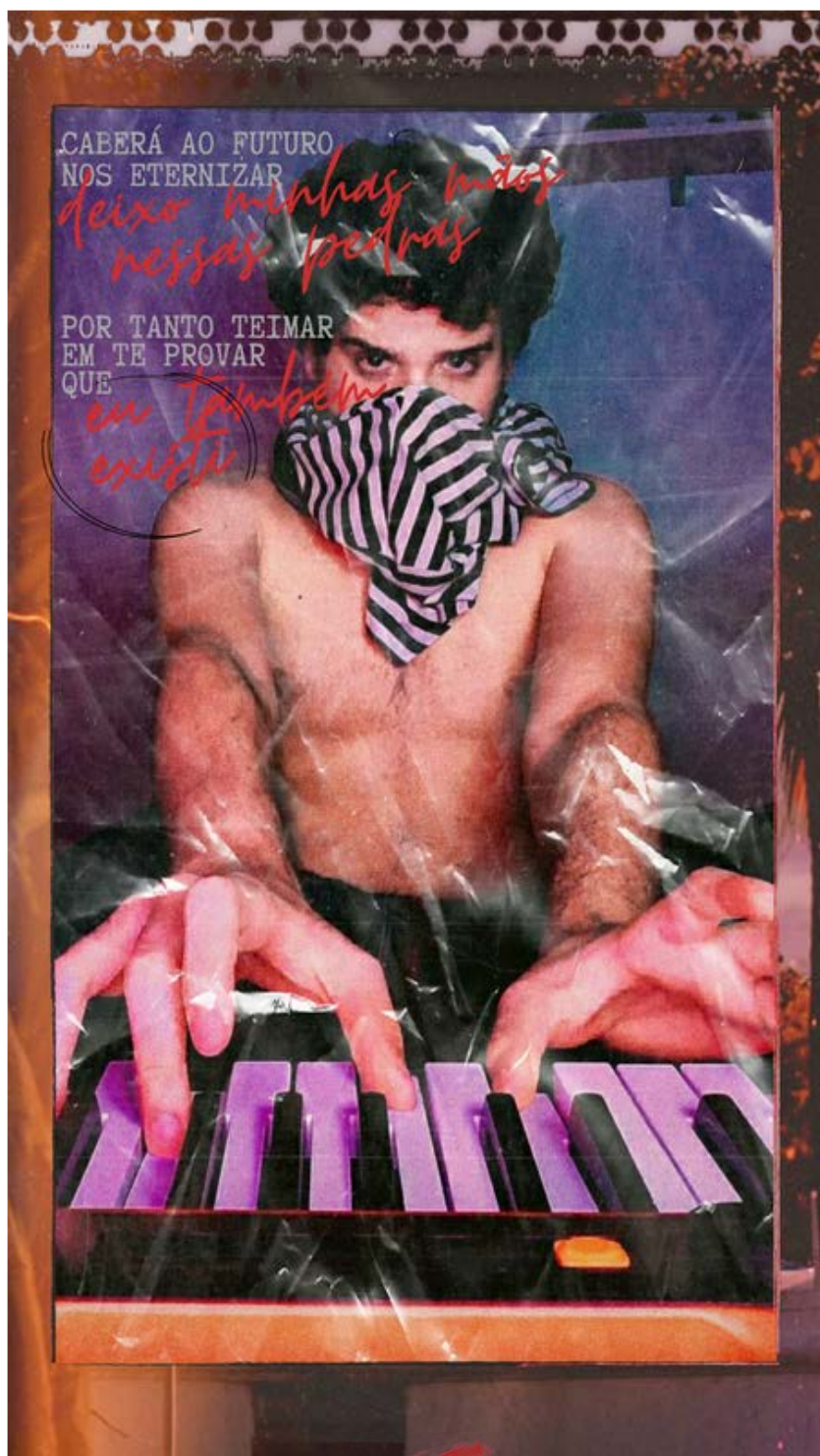
SEM ENTENDER

O QUE
TENTÁVAMOS
FALAR



um dia, talvez
eles vão descobrir

o que nem mesmo
podemos pensar



CABERÁ AO FUTURO
NOS ETERNIZAR

*deixo minhas mãos
nessas pedras*

POR TANTO TEIMAR
EM TE PROVAR
QUE

*eu também
existi*



deixa eu vandalizar

DEIXA EU
ESCREVER
MEUS NOMES

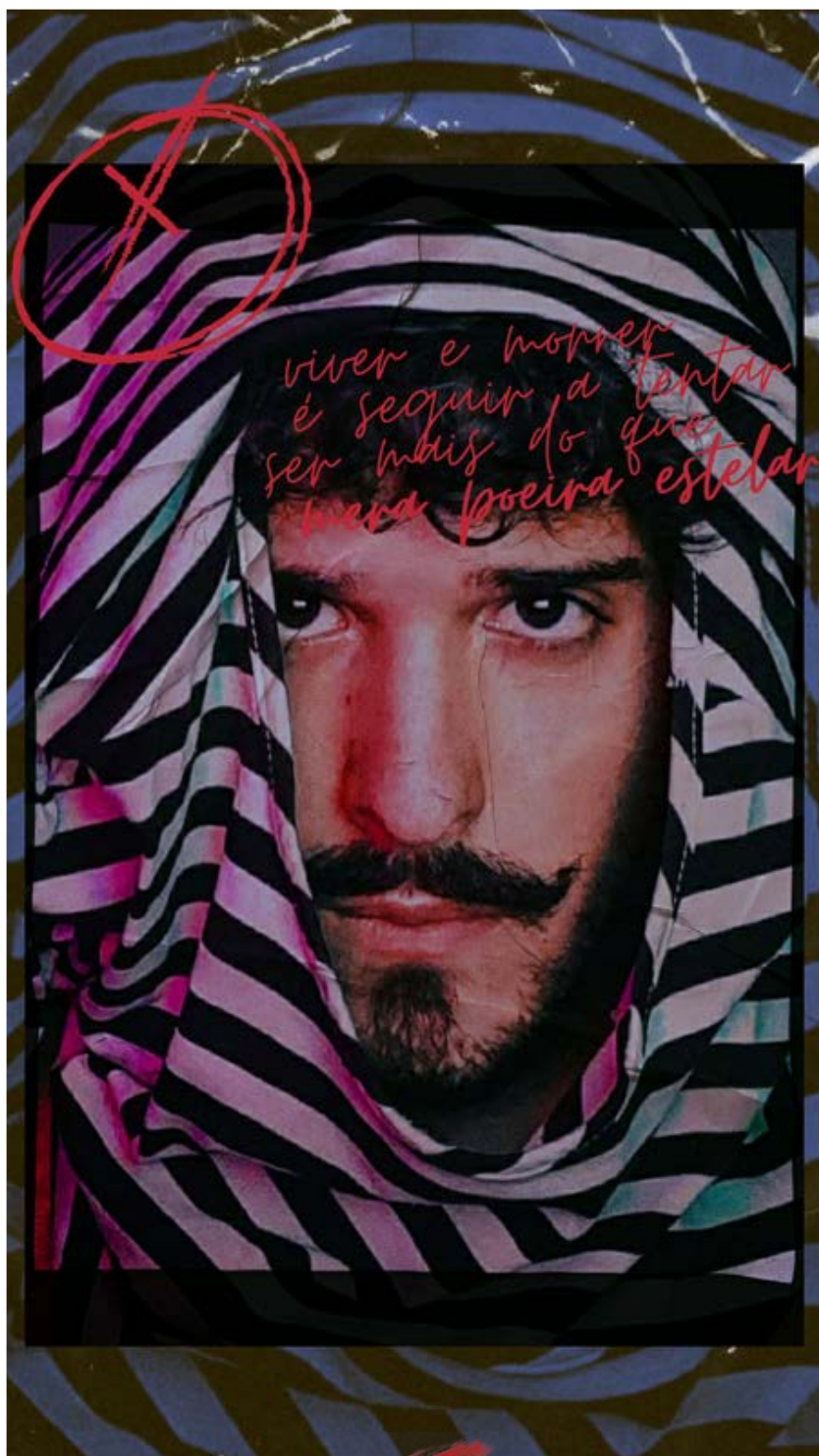
nas paredes cinzas

DA CIDADE
QUE EU SEI
UM DIA

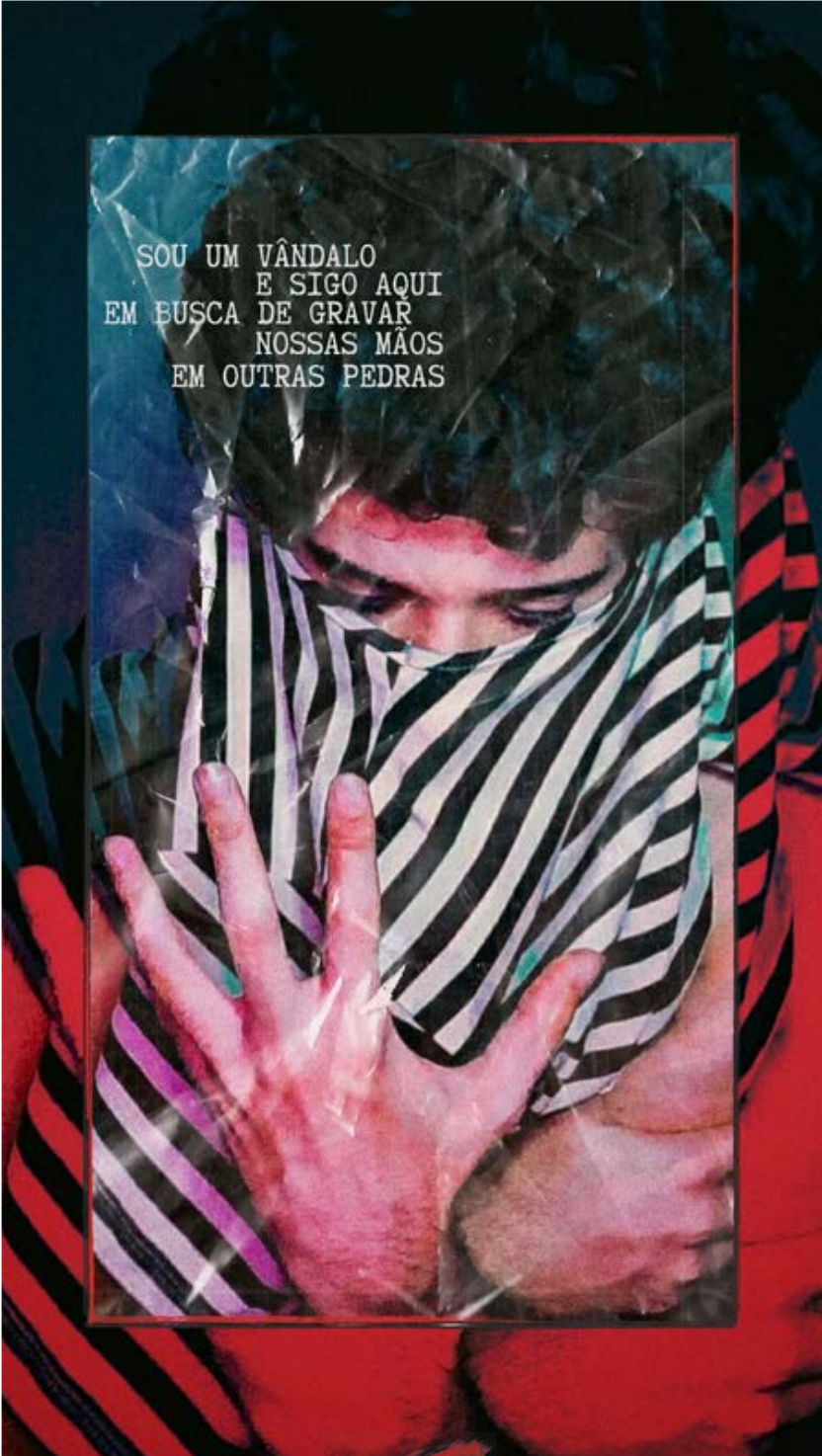
também vão ruir

MAS ALGO
HÁ DE SOBRAR
E JUNTO

eu vou resistir

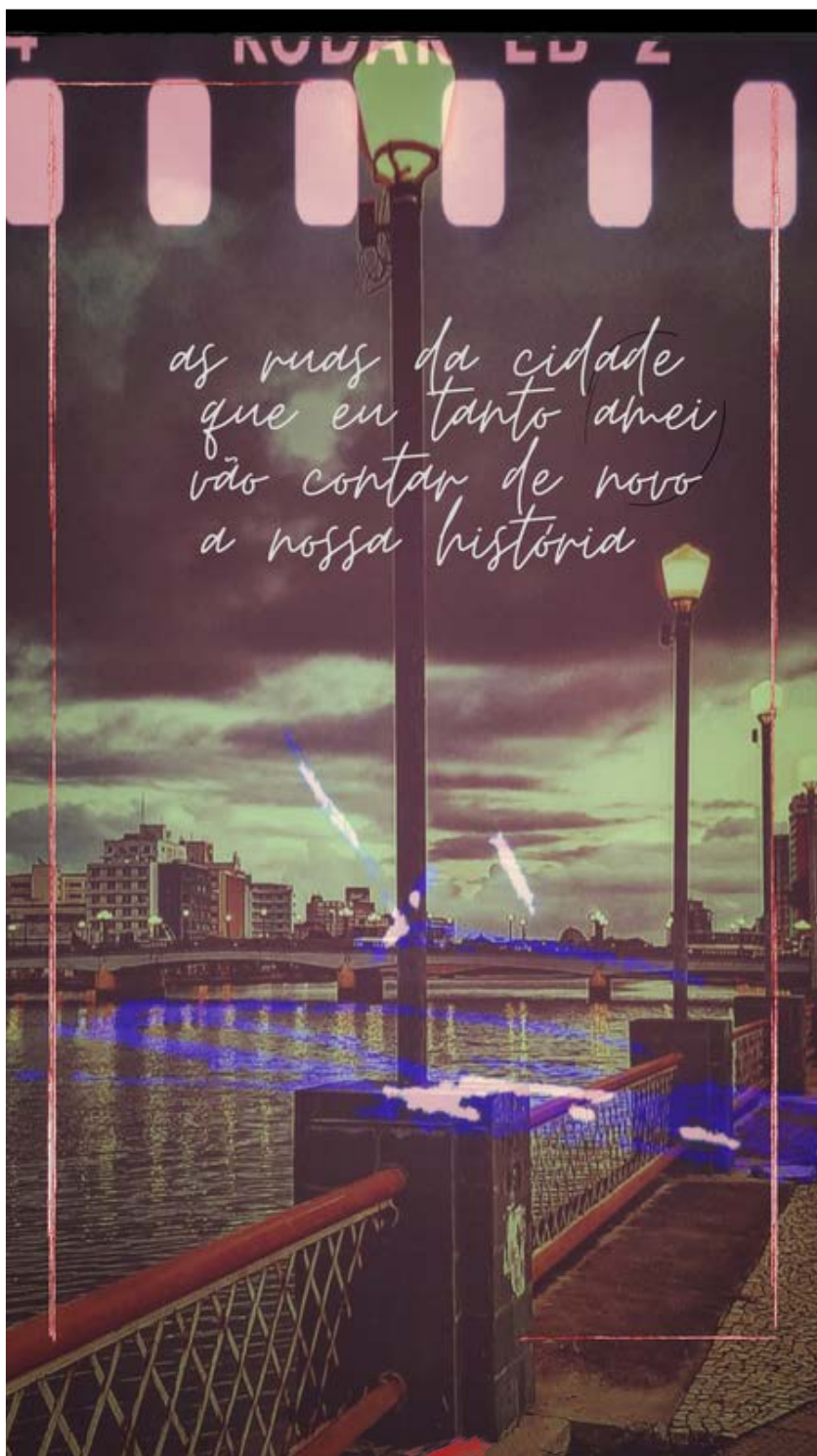


viver e morrer
é seguir a tentar
ser mais do que
mera poeira estelar



SOU UM VÂDALO
E SIGO AQUI
EM BUSCA DE GRAVAR
NOSSAS MÃOS
EM OUTRAS PEDRAS









viver e morrer
é seguir a tentar

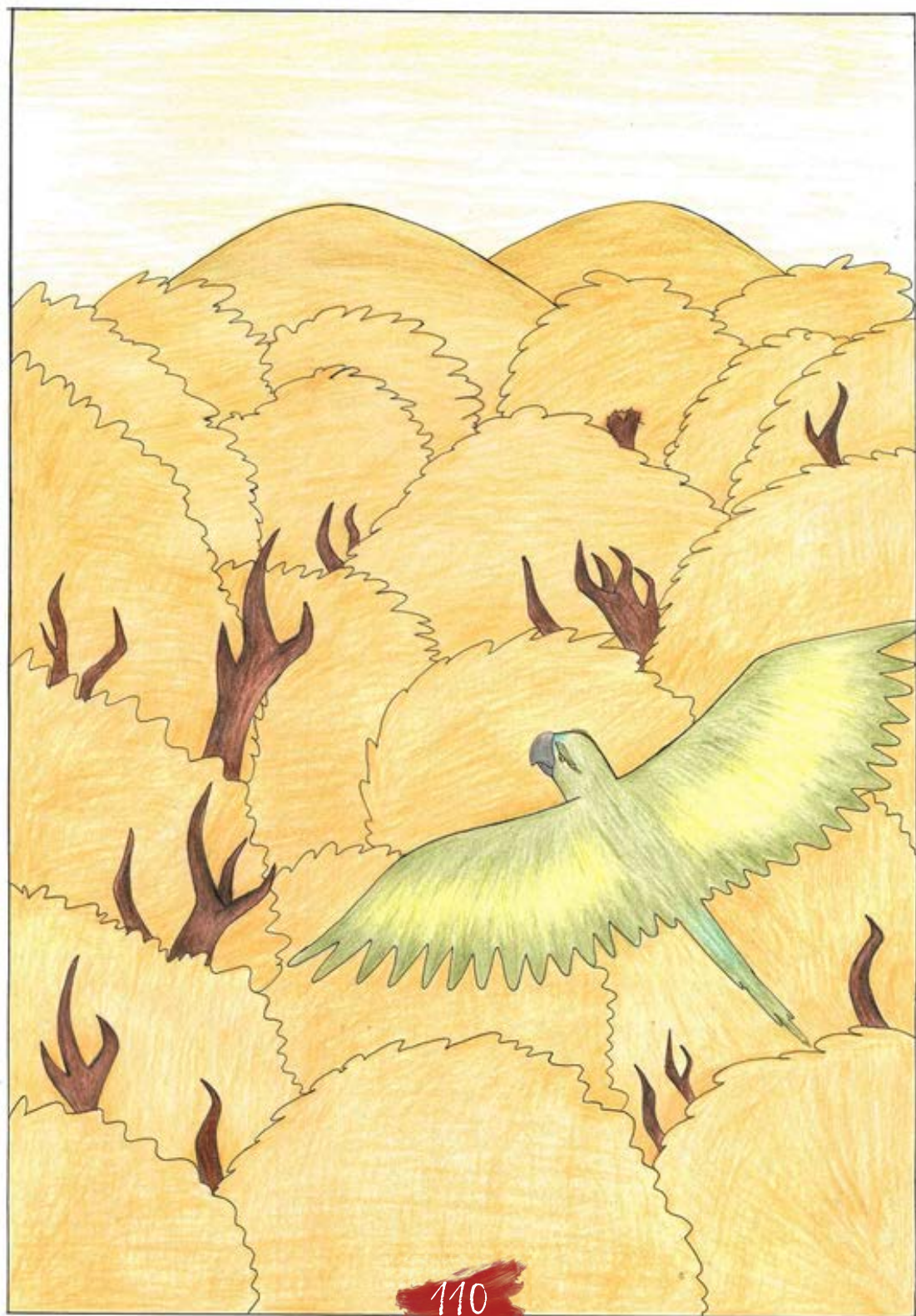
e a andar,
a perder,
a lutar

e a errar
e a errar
e a errar
e a errar

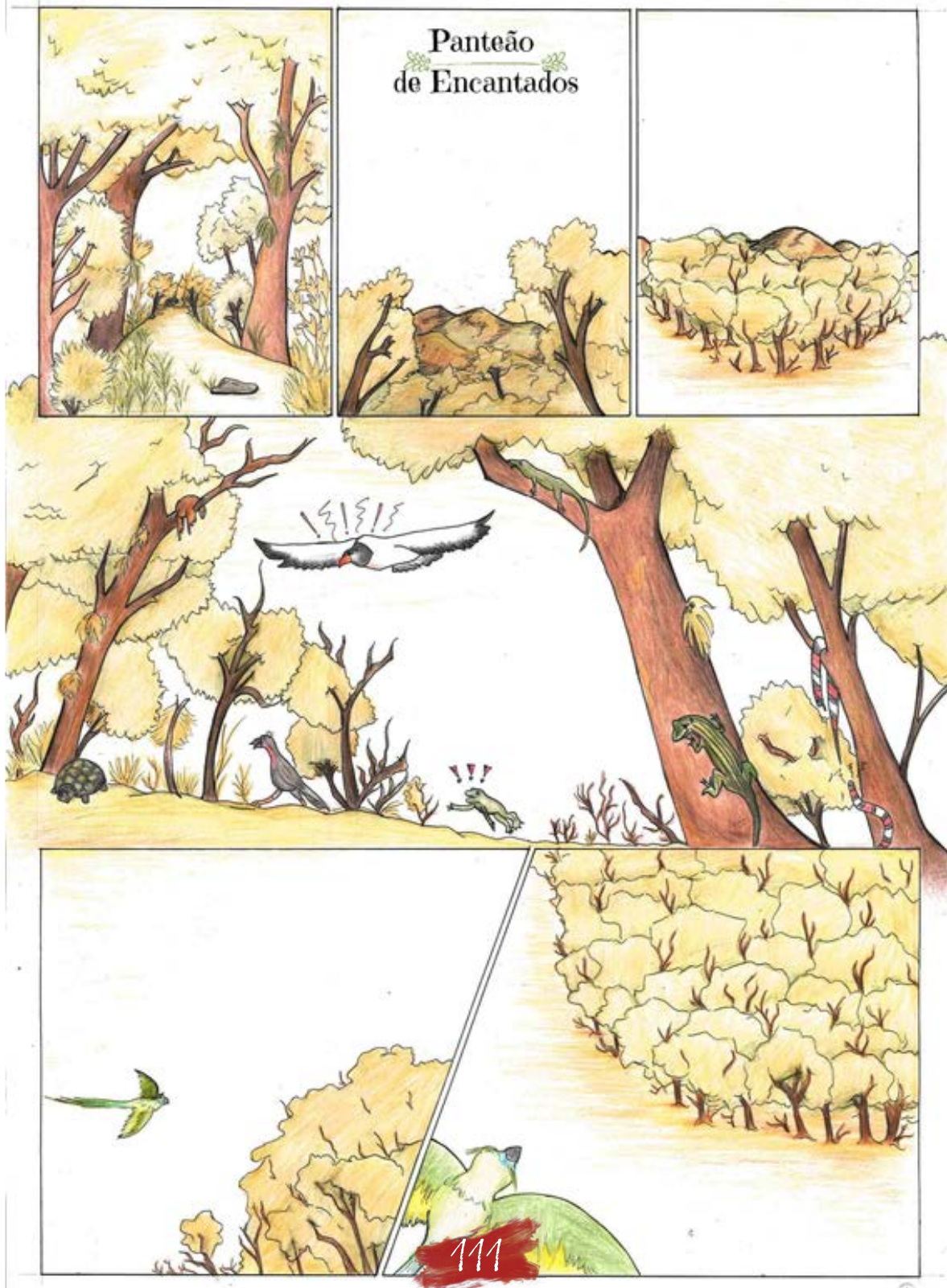


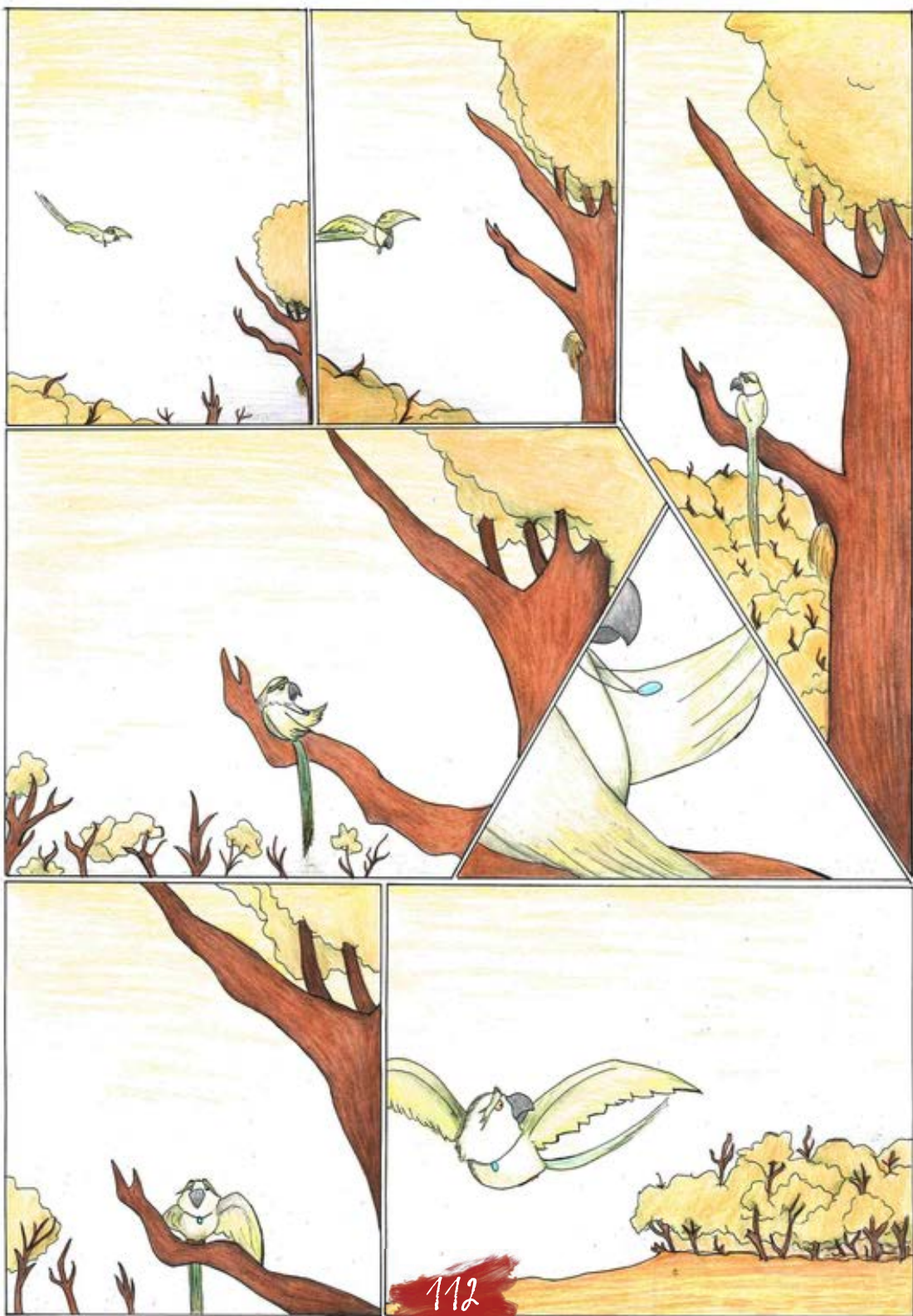
Panteão de Encantos

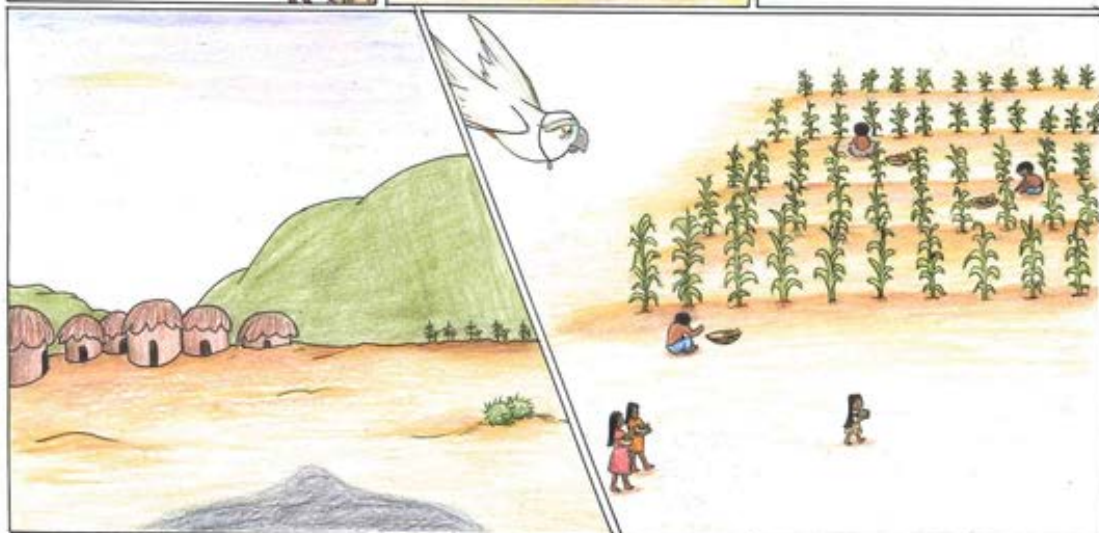
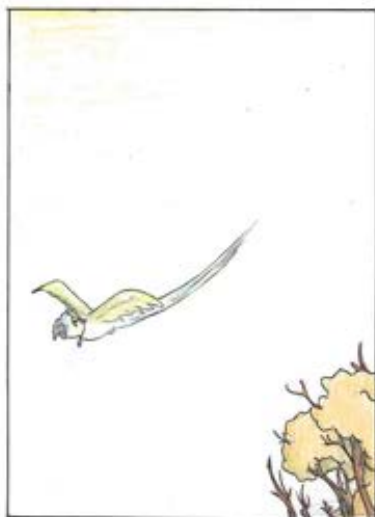
por: *Thalita Gomes*

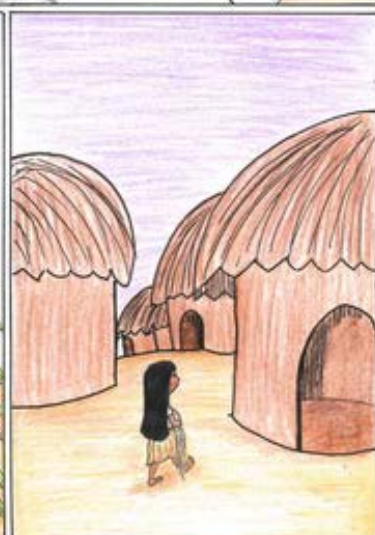


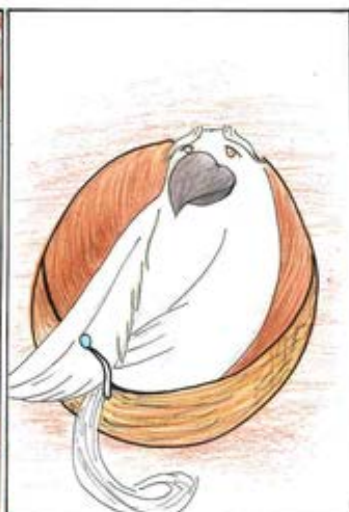
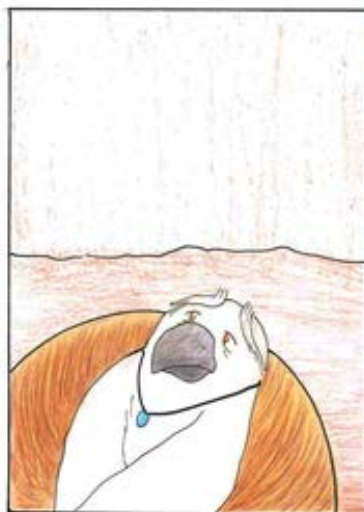
Panteão
de Encantados

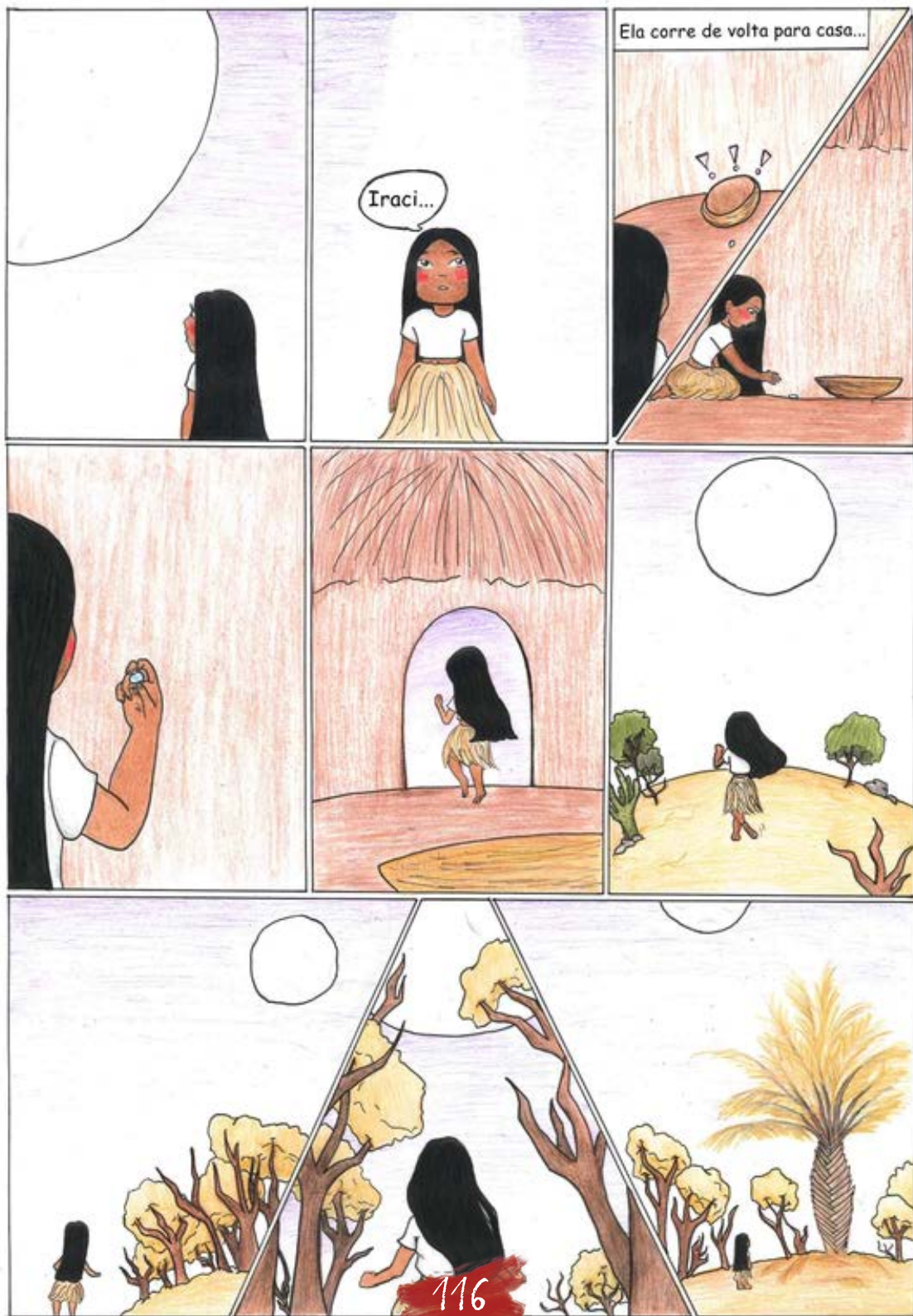




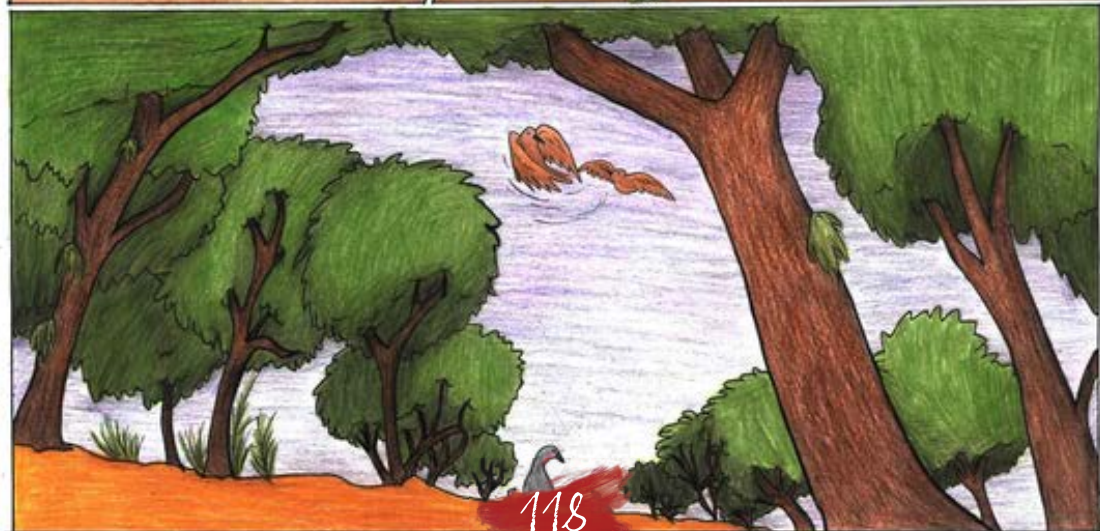
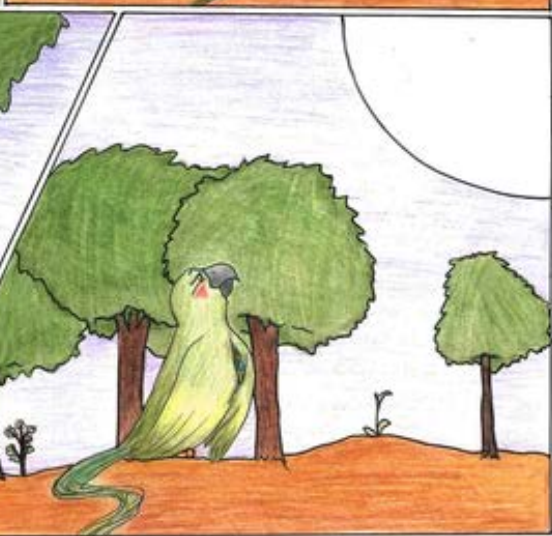
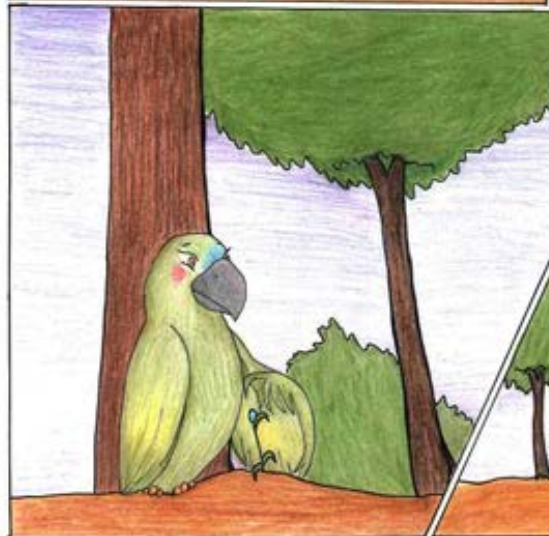
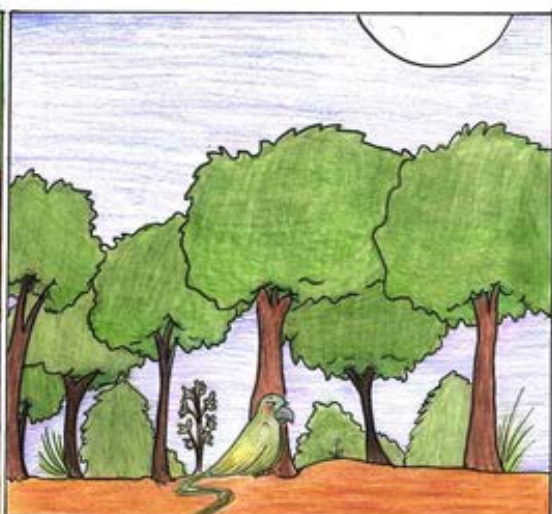


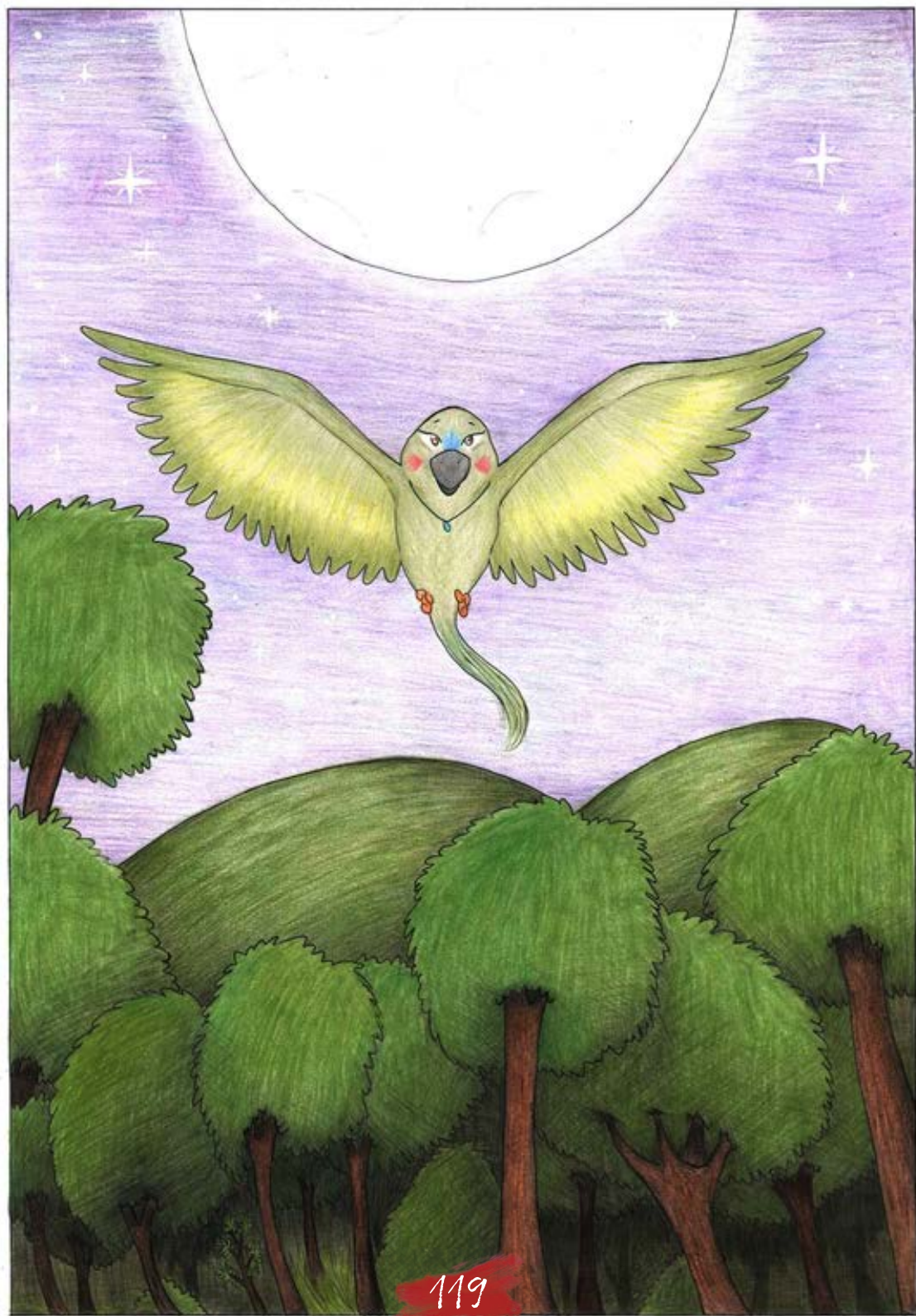








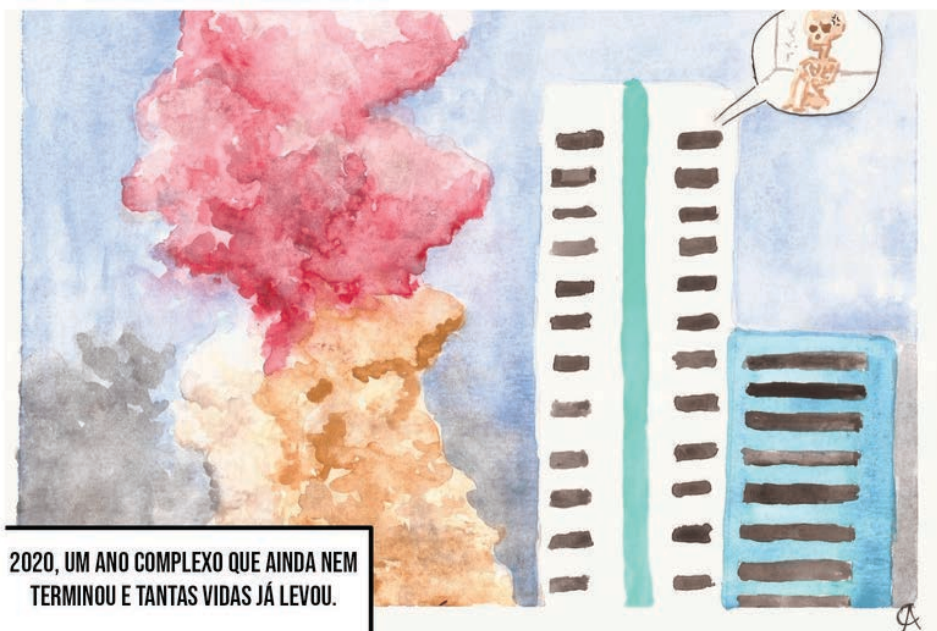




2020

por: Anna Carolina

EXPLOSÃO EM BEIRUTE



CORONAVÍRUS



NUVEM DE GAFANHOTOS

ALÉM DE OUTRAS DESGRAÇAS QUE NOS
AJUDARAM A ENLOQUECER.



CICLONE BOMBA

TODO DIA UMA NOTÍCIA DIFERENTE QUE
NÃO AGUENTAMOS MAIS VER.



FAKE NEWS

UMA BATALHA ÁRDUUA ENTRE OS FATOS E AS
FAKES.



MUITO CALOR

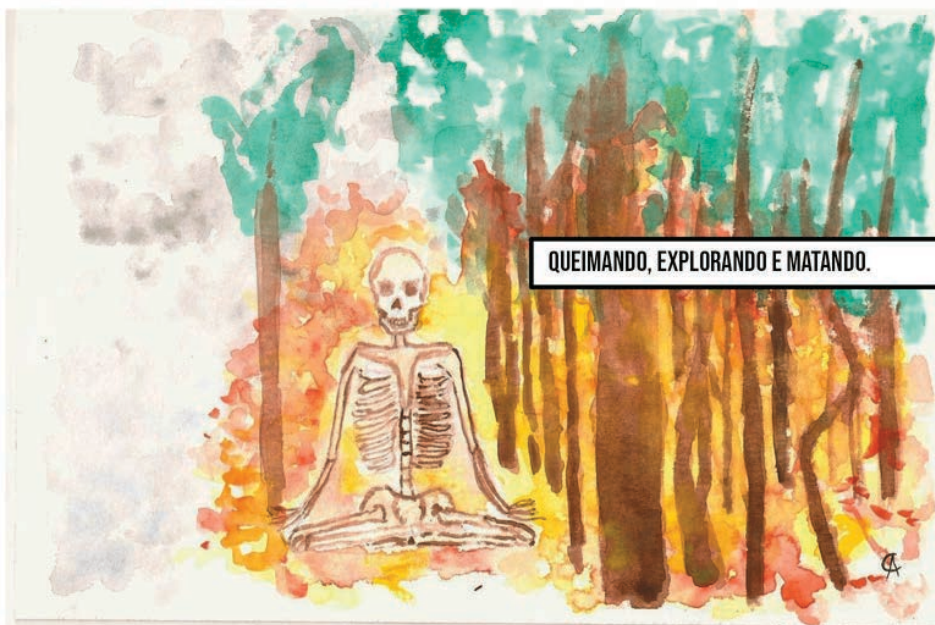
ENTRE AQUELES QUE SABEM
E OS QUE PREFEREM NEM
SABER.



AUMENTO DO DÓLAR



FLORESTAS QUEIMADAS



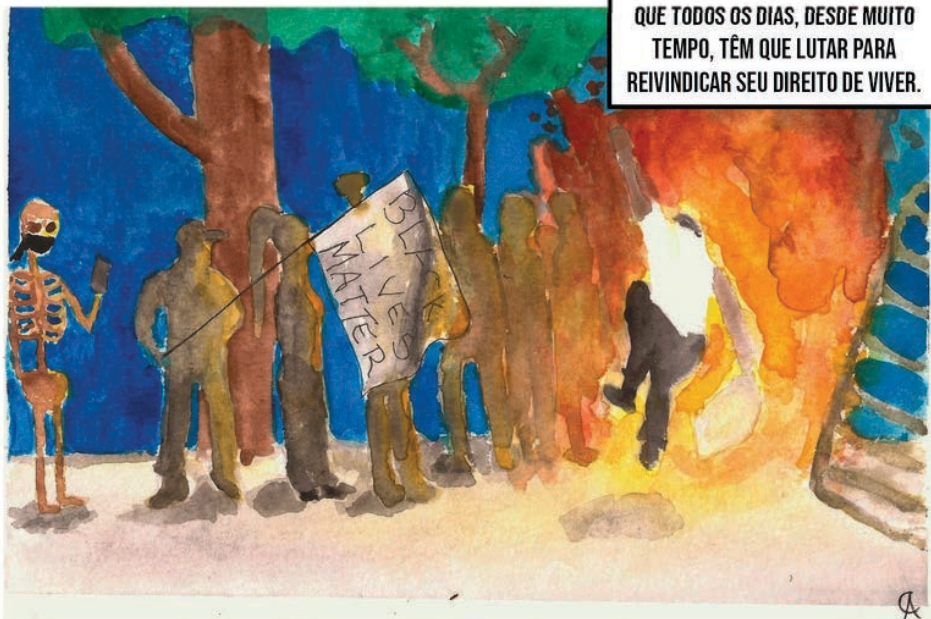
AUXÍLIO EMERGENCIAL

AINDA JOGAM A CULPA
EM INOCENTES.



PROTESTOS 'BLACK LIVES MATTER'

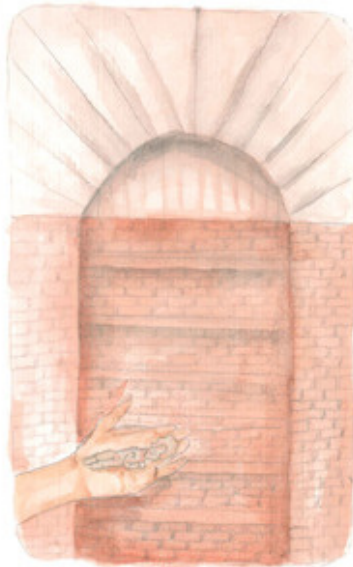
QUE TODOS OS DIAS, DESDE MUITO
TEMPO, TÊM QUE LUTAR PARA
REIVINDICAR SEU DIREITO DE VIVER.



Nós de Barro

por: Flor das Águas

NÓS DE BARRO





EM MIM PESA RESISTIR À ESSA ROTINA
COMPULSORIAMENTE MECÂNICA, TENDO
QUE FAZER TUDO EM UM TEMPO DETERMINADO.



COMO PESA NÃO CONSEGUIR
SEGUIR ESSE TEMPO...



ORA, O FORNO QUE QUEIMA O BARRO
DEVE SE ADEQUAR, AO TEMPO EM QUE
O BARRO NECESSITA PARA TORNA-SE
CERÂMICA E, AINDA, RESISTENTE.
SINTO QUE SOU ATEADA AO FOGO E
DELE RETIRADA ABRUPTAMENTE.



NAS RUAS E POR VEZES
NOS CANTOS DE CASA, O
MEU CORPO NÃO É TEMPO
E É DISCRIMINADO, VIOLA-
VEL, DEGRADÁVEL.



TEAVECO NO SENTO?



EM MIN PESA COMO ESSE
NÃO RESPEITO A MINHA
EXISTÊNCIA VAI DES-
TROYANDO TODAS AS
MINHAS PERSPEC-
TIVAS...



E PORTANTO,
A MIN MESMA.





MAS EM NÓS TAMBÉM PESAM OS AFETOS QUE ME AFE-
TAM; PESAM MEUS SONHOS QUE, MUITOS OU POUCOS,
FICAM MECH VÍVIDOS.



PESA A MINHA REBELDIA
POR QUERER E MEVER EM
MOMENTOS DE FELICIDADE

NÃO IMPORTAM AS MÃOS QUE MODELAM O BARRO. NEM QUALQUER UTENSÍLIO QUE USEM PARA ISSO. O BARRO TORNA-RA O CAMINHO QUE O CONVIR. ELE É, DE CERTA FORMA, IMPREVISÍVEL, CHEIO DE VIDA. POR CERTO, ELE É QUE DÁ A VIDA, E DELE SE TEM FEITO MUITAS VIDAS NORDESTINAS.



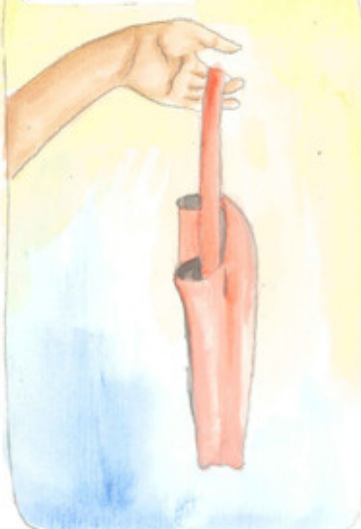
HOJE O QUE MAIS PESA EM MIM É DAR-ME CONTA DE QUE EM MIN HÁ VIDA E, POR TANTO, TER A POSSIBILIDADE DE ME DELAN, APESAR DAS INTERFERÊNCIAS E ATRAVÉS DELAS, FELICIDADES.

BENÇA MAÍNHÁ!

DEUS TE ABENÇOE!



TORE CUIDADO, ALVORADA!



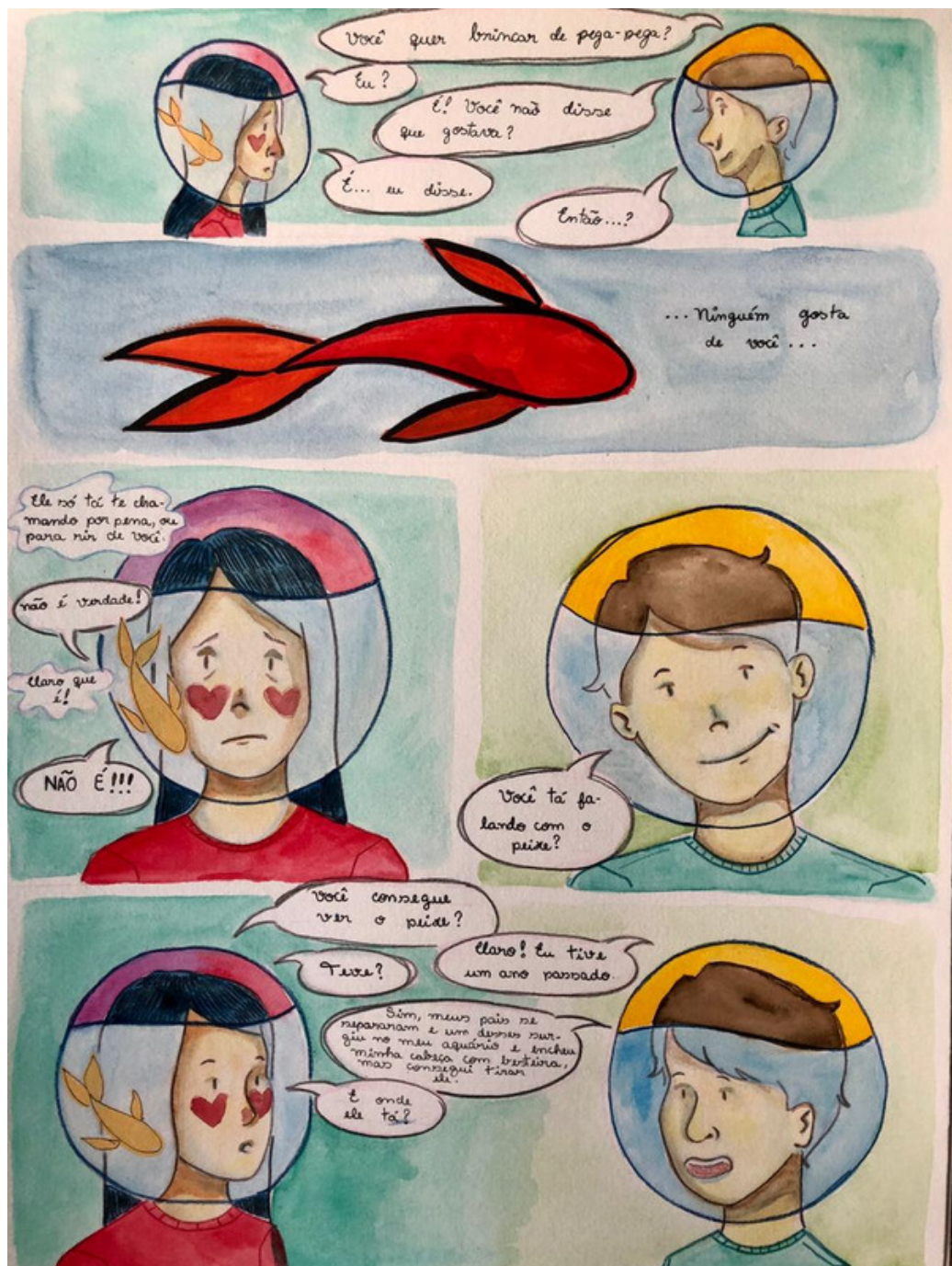
Marina

por: Beatriz Silvestre











Realidade

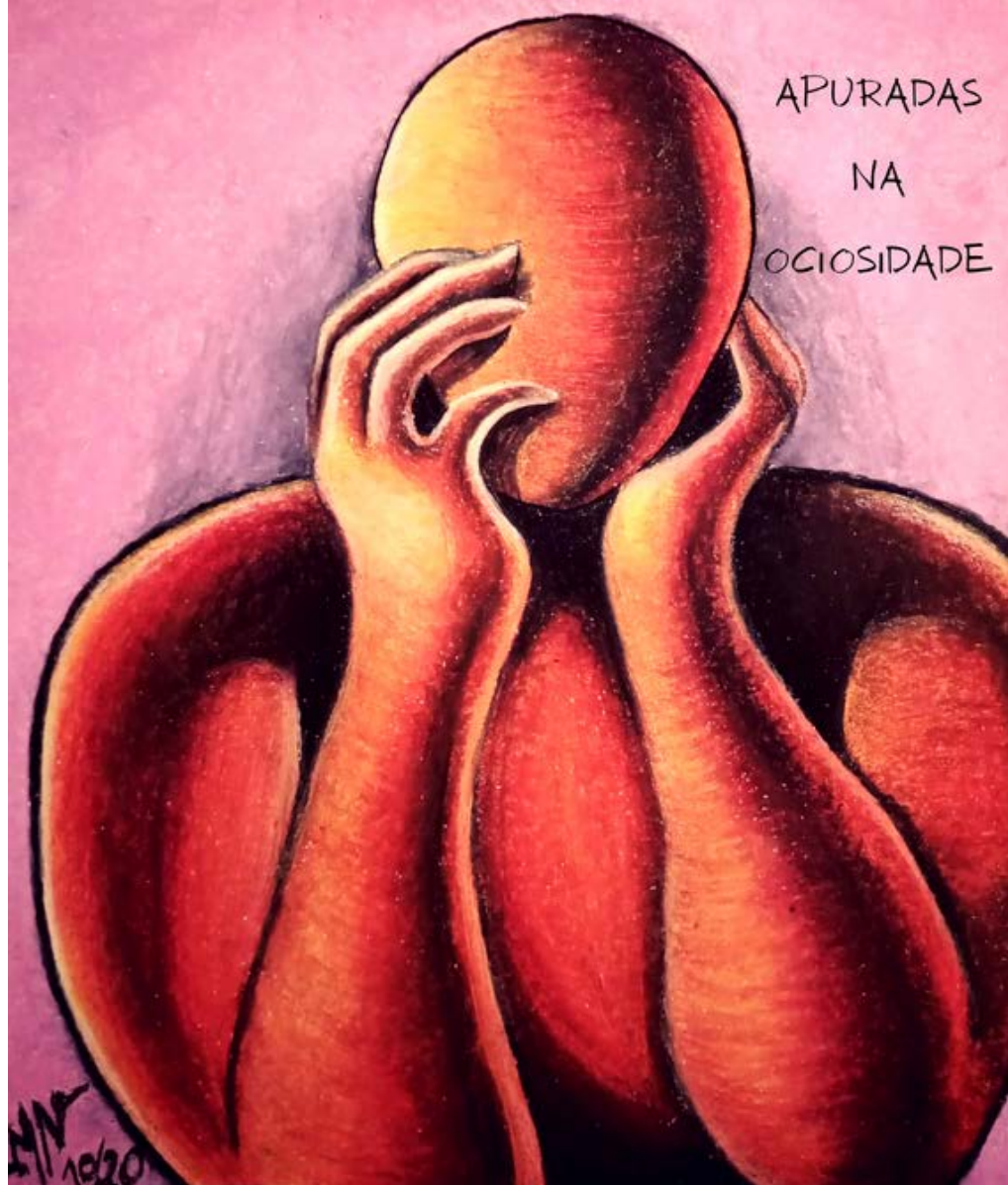
por: Mellanie Nascimento

SE MINHA VIDA FOSSE UM
ESPETÁCULO, O ROTEIRO JÁ
ESTARIA TODO CRIADO.

DE INÍCIO,
CENAS BANAIS DE LEVIANDADE
COM UM AZEDO TOQUE DE
R E A L I D A D E

EM SEGUIDA,
CENAS PENSATIVAS,

APURADAS
NA
OCIOSIDADE









ACRESCENTARIA CENAS BANAS DE
UMA MEMÓRIA
EM REPOUSO,

COM
GOSTO DE
ANTIGUI
DADE



SEM ESQUECER
DAS CENAS DE
RESPEITO E
RESGATE,

SEMPRE À
PROCURA DA
ANCESTRALIDADE

E APÓS ALGUMAS
CENAS DE
LEMBRANÇAS CRUÉIS,
COM REQUINTES DE
HUMANIDADE,

SERIA HORA DAS
CENAS FINAIS,
COM LEVES
TOQUES DE

E
T
E
R
N
I
D
A
D
E

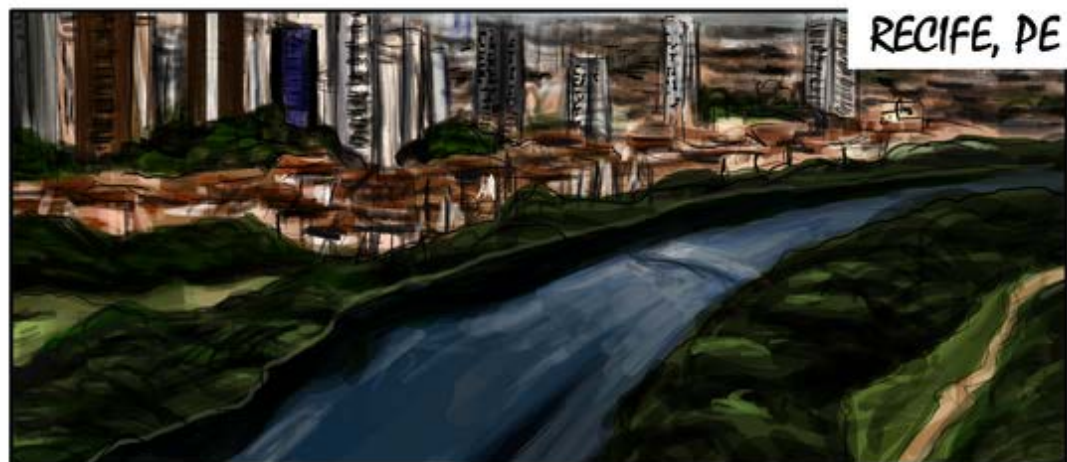


INSPIRADO NO POEMA DE
EDUARDO A. ALMEIDA E NAS
OBRAS DE MARK KOSTABI.

MELLANIE NASCIMENTO,
NOVEMBRO DE 2020.

Deus do Rio

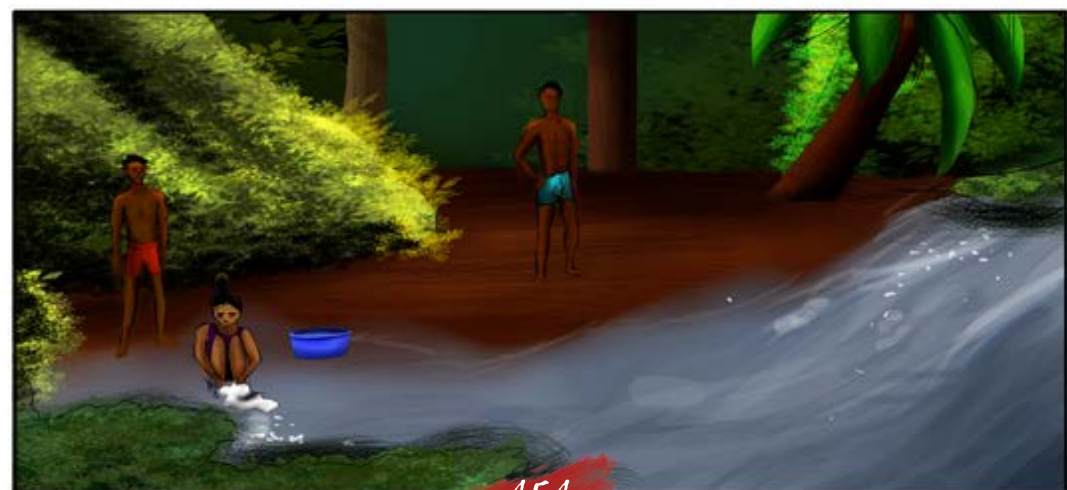
por: Ronaldo Silvestre

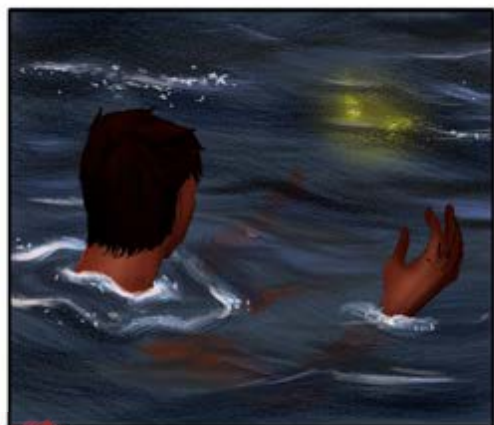
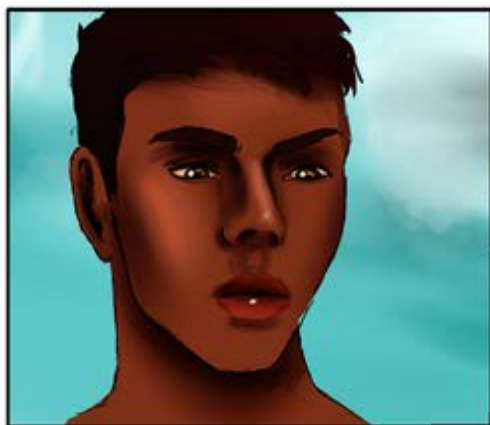
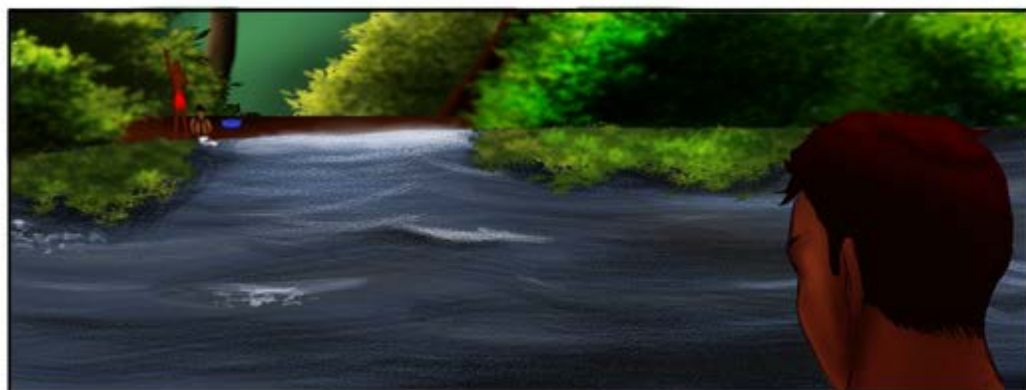


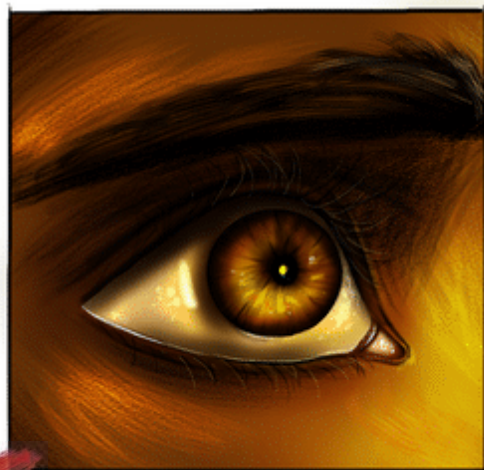
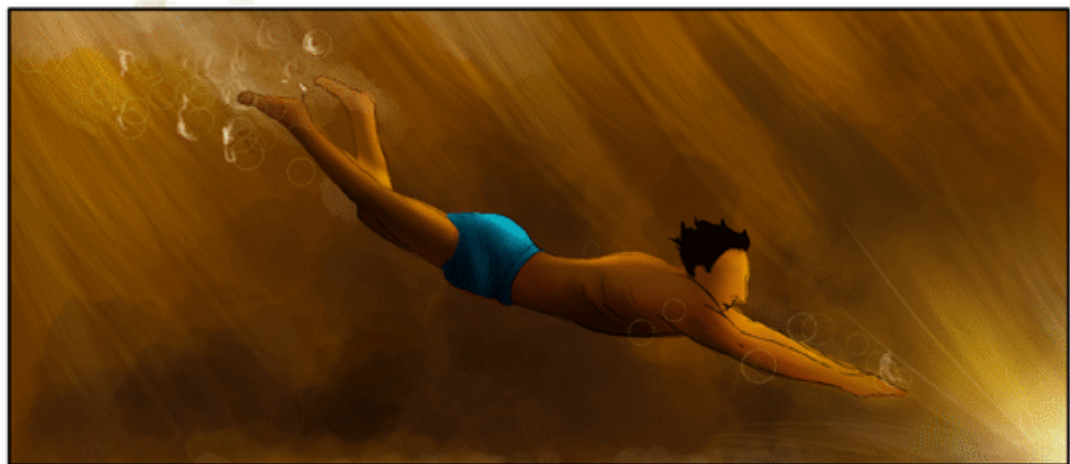
RECIFE, PE



RIO CAPIBARIBE















E COMO PRETENDE FAZER ISSO?

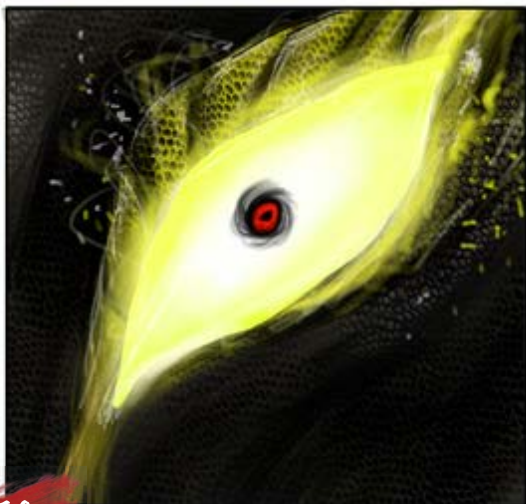
GAROTO, ESTE RIO É UM MUNDO E EU SOU O SEU REI.
NÃO EXISTE LUGAR QUE EU NÃO TENHA VISITADO.
NÃO EXISTE LUGAR PARA ONDE EU NÃO POSSA VOLTAR.

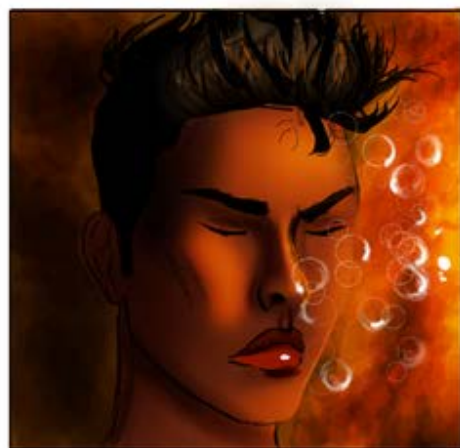
E O QUE EU TERIA QUE DAR EM TROCA?
EU NÃO TENHO NADA.

MAS VOCÊ TERÁ. DAQUI A 12 ANOS NOS
ENCONTRAREMOS NOVAMENTE E VOCÊ
DEVE ME DEVOLVER O TRIPLO DAQUILO
QUE EU TE DER.

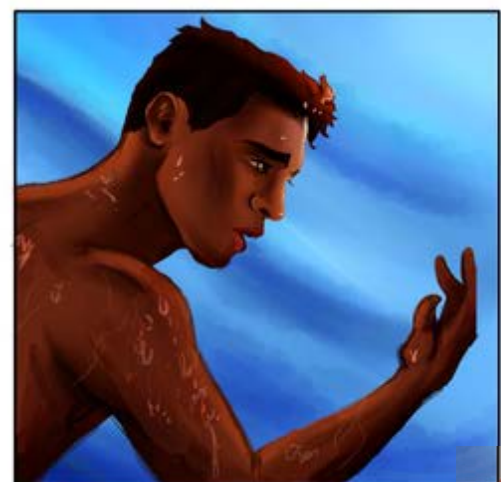
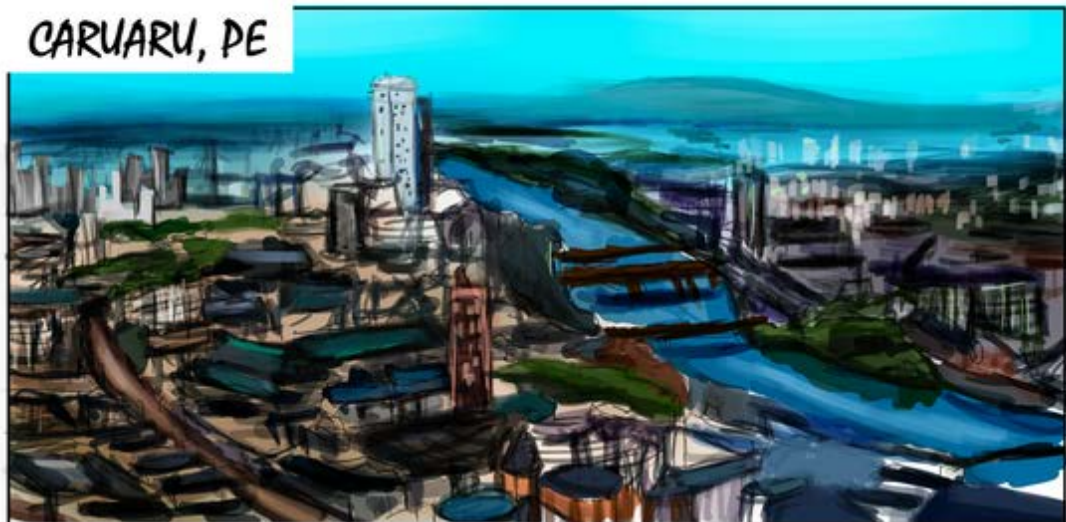
O TRIPLO?

SIM. NEM MAIS, NEM MENOS.
APENAS O TRIPLO.
O QUE ME DIZ?





CARUARU, PE



12 ANOS DEPOIS

AMOR, VOCÊS ESTÃO PRONTOS?

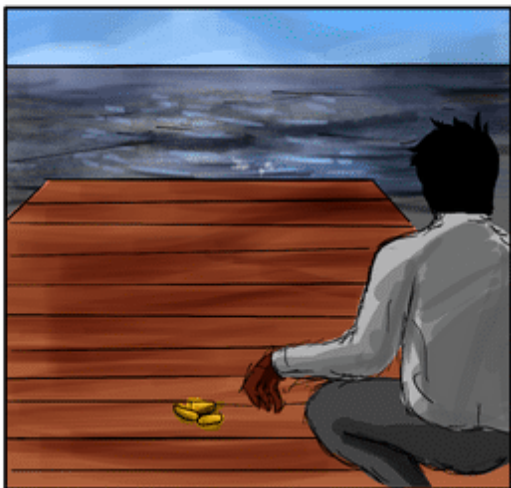


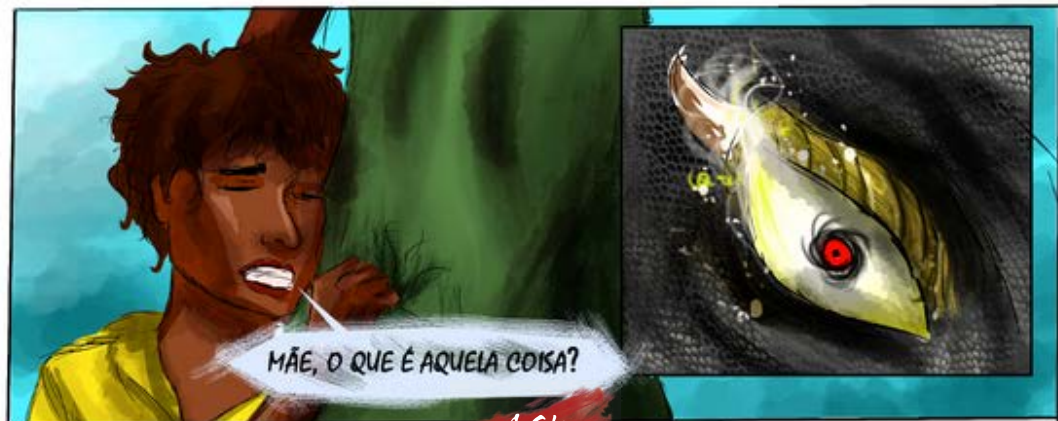
A GENTE VAI SE
ATRASAR ASSIM.

A GENTE JÁ TÁ PRONTO!



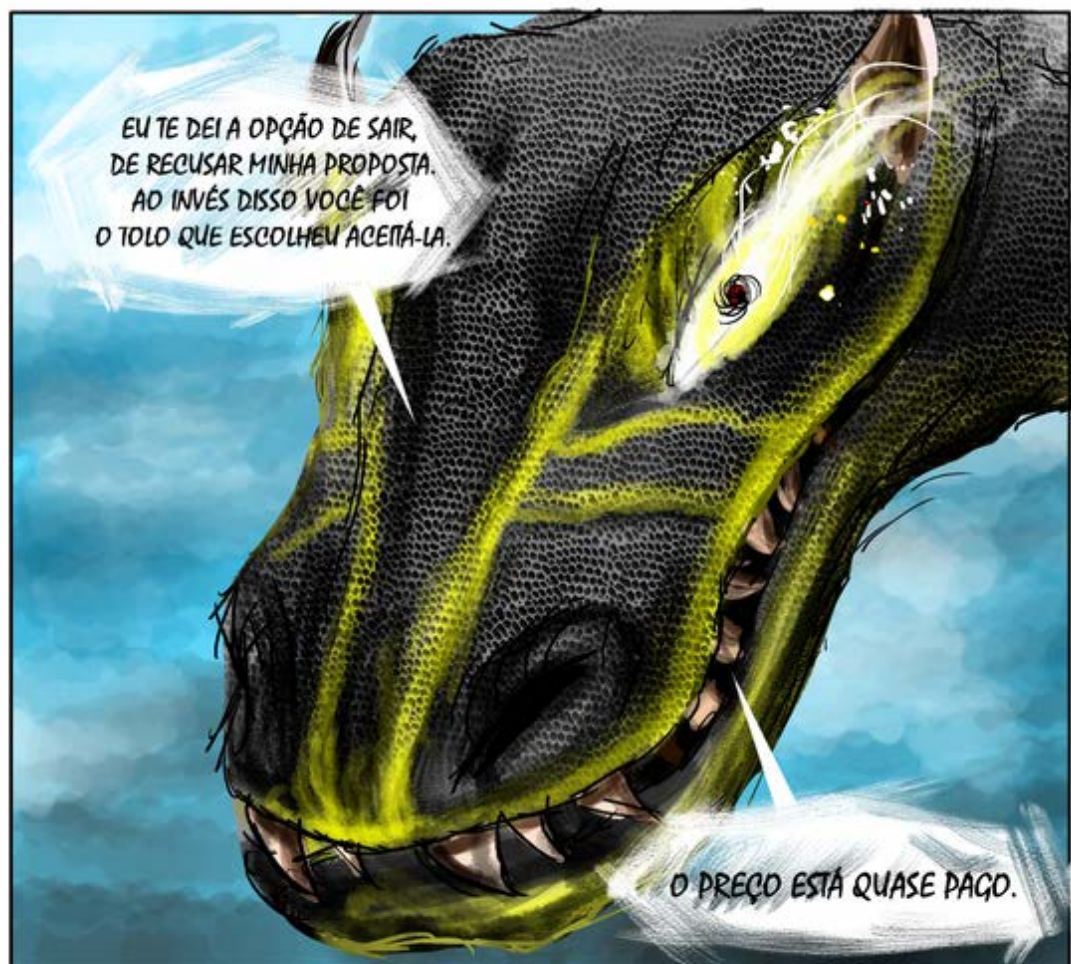








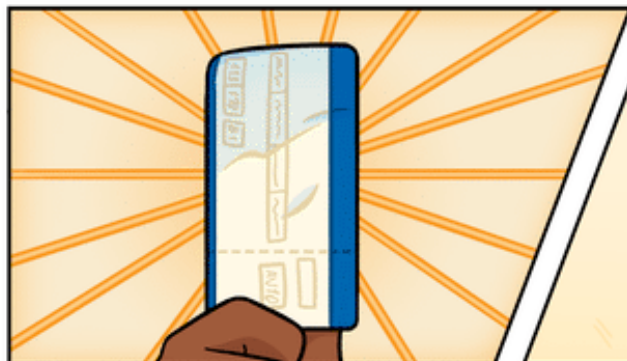






Chance

por: Matheus Domingos

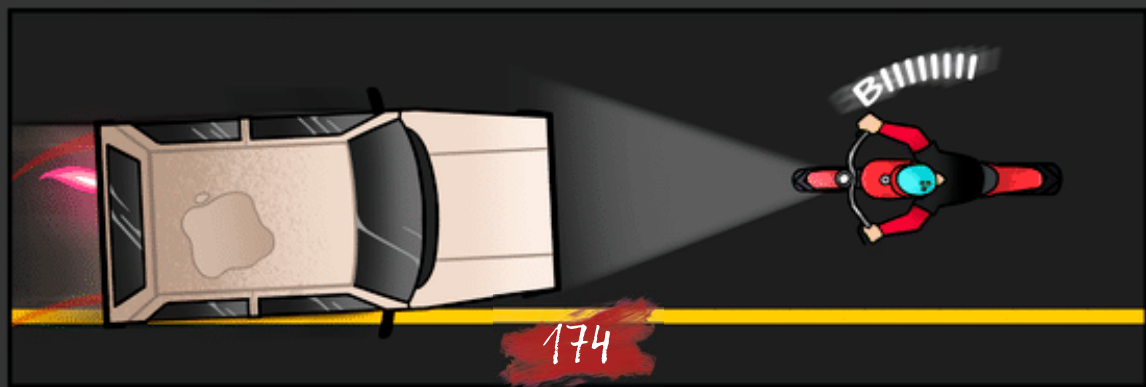






FOOOOON!

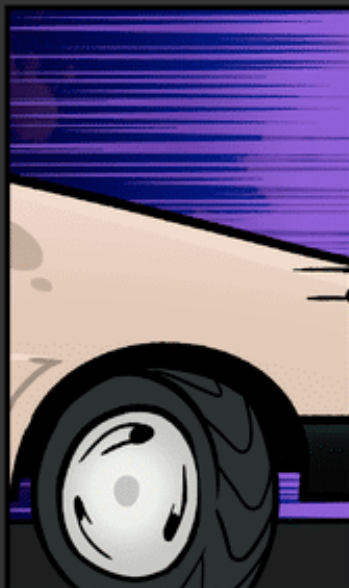




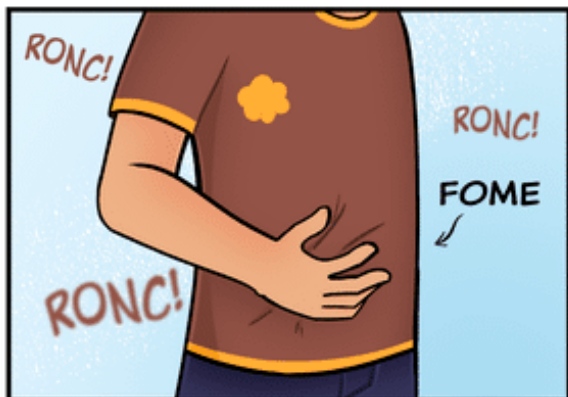
ELE NÃO É LOUCO,
ELE TÁ ME VENDO.



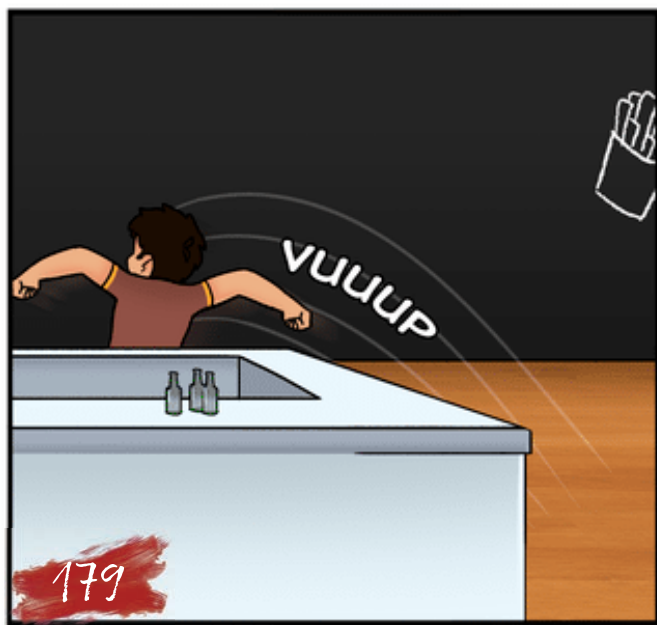
ME PERDOE,
PAI, PORQUE
EU PEQUEI.





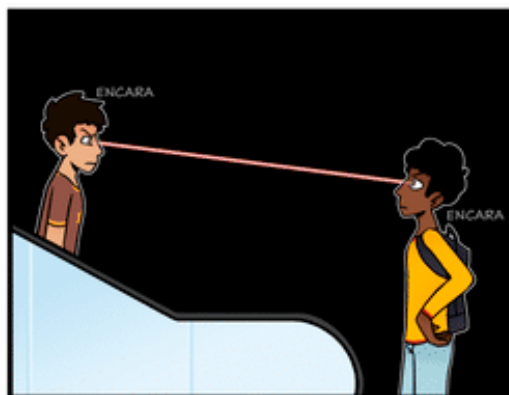












ENÇARA



FUI EU.



FUI EU
QUE
ORGANIZEI
TUDO...

EU QUERIA
CONERTAR
TUDO.

A VERDADE
É QUE EU
AINDA NÃO
ME PERDOEI...



E NÃO ESPERO
QUE TU ME
PERDOE.

EU SÓ QUERO
CONVERSAR...

E PROVAR
QUE EU
MUDEI.

PROVAR
PRA MIM
MESMA...



EU SINTO
MUITO.



CALMA...



A GENTE TEM
MUITO PRA
CONVERSAR,
VAMOS COM
CALMA...

ISSO NÃO
VAI SE
RESOLVER DO
DIA PRA NOITE...
...E NEM
DEVERIA.



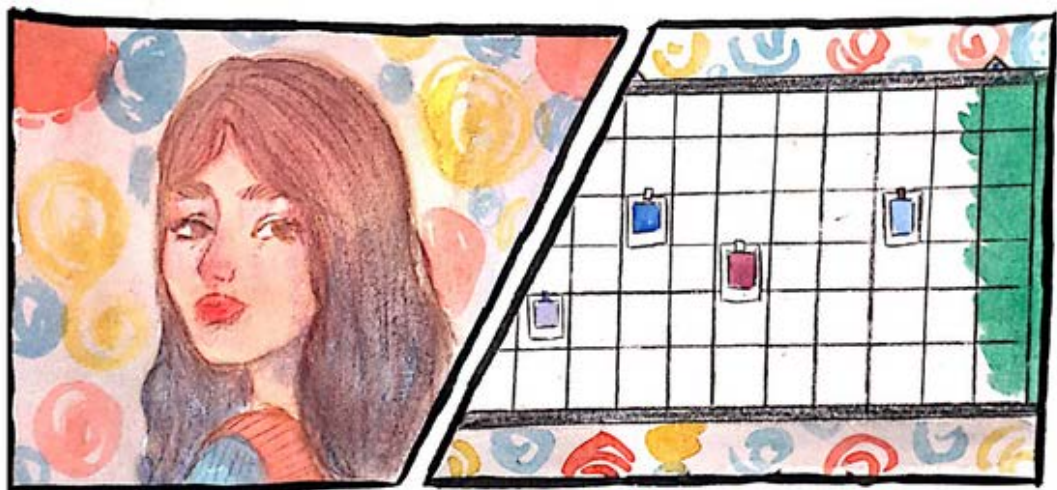
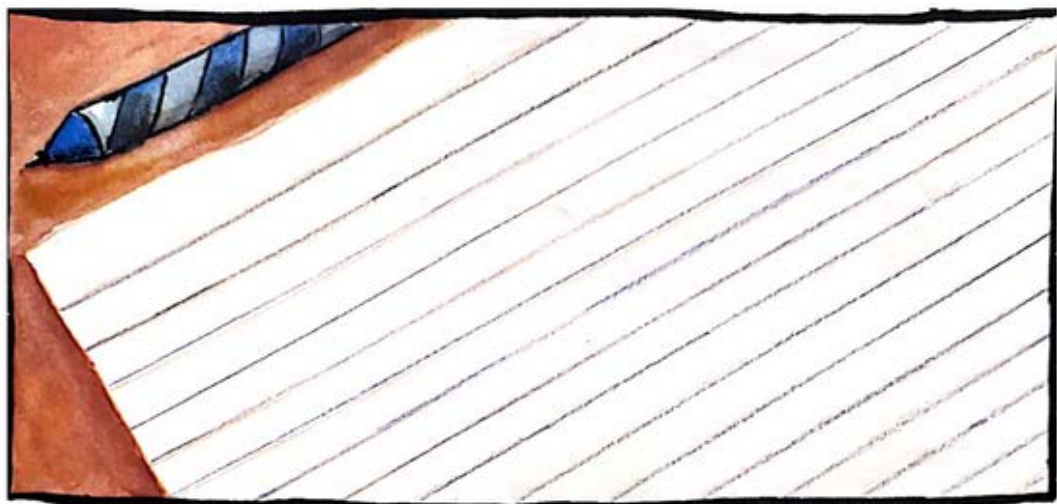
VAMO CONVERSAR,
RESPEITANDO
NOSSO TEMPO.

TEMOS TODO
TEMPO DO
MUNDO.



Querido Amigo

por: Marina Flora



...Já faz muito tempo que não converso com você. A vida mudou muito desde a última vez que nos vimos...

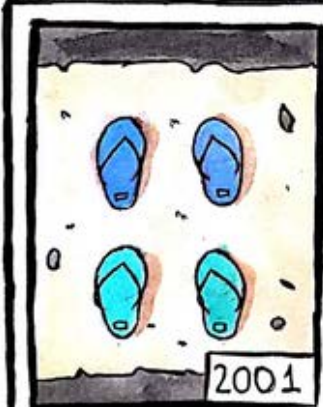


...Amigo, muitas vezes sinto falta da nossa infância e como tudo parecia maior e menos assustador...

A juventude me amedronta. Crescer e perceber que suas memórias estão ficando cada vez mais no passado me assombra.



...Gostaria de te culpar por me deixar sozinha nesse mundo. Enfrenta-lo sem você perde a graça...



2001



2005



2009

... Muita coisa mudou desde que você se foi...

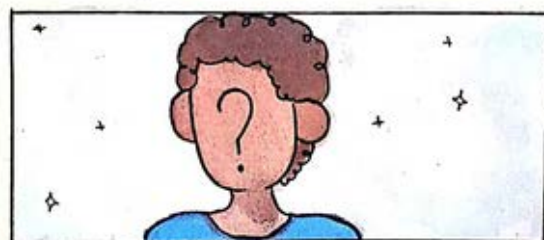


...Descobri que chegar na linha roxa do arco-íris não é tão fácil quanto imaginávamos...



...Também descobri que montanhas não são gigantes adormecidos. Mas até que era divertido inventar essas histórias, né?

...Mas amigo, me corta o coração dizer isso: não consigo me lembrar do seu rosto...



31.07.2004

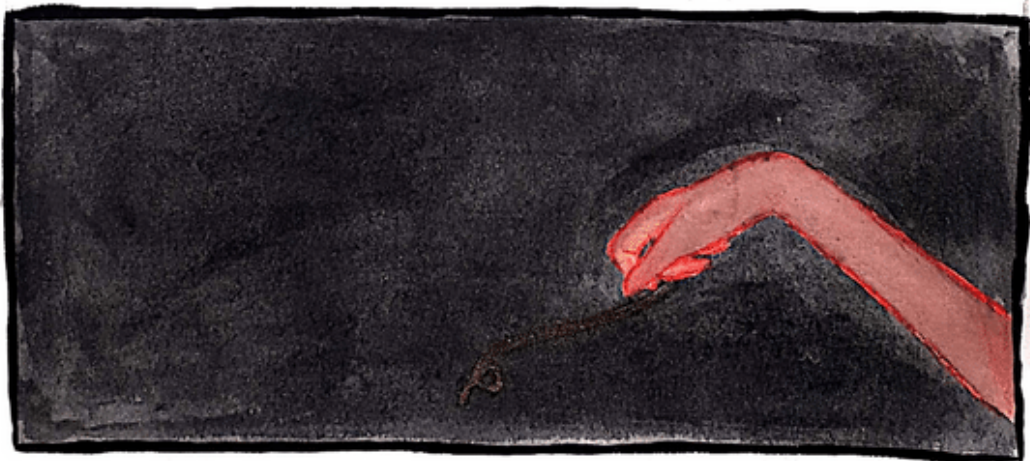
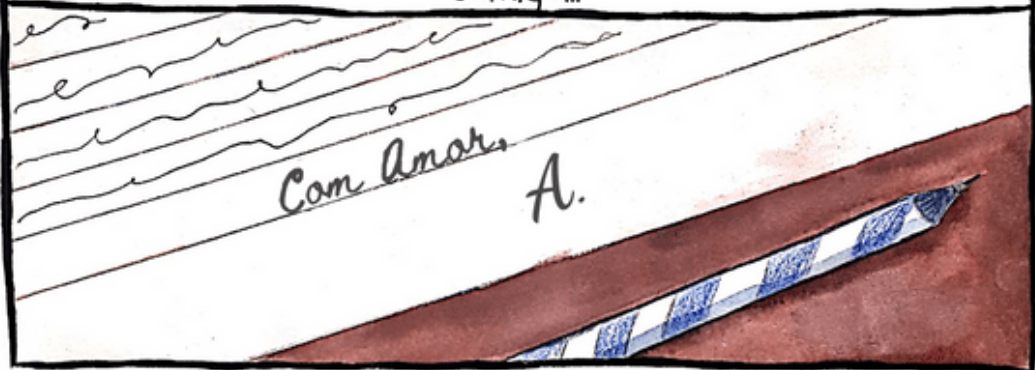
...O tempo, tão sorrateiro, tira nossos momentos e apaga você de mim...



...Te amo e para sempre te amarei, mas agora tudo ficou claro.
Devo deixar você ir...



...Não me entenda mal, sempre haverá um pedaço seu andando
comigo...



Cinzas

por: Rogi Silva

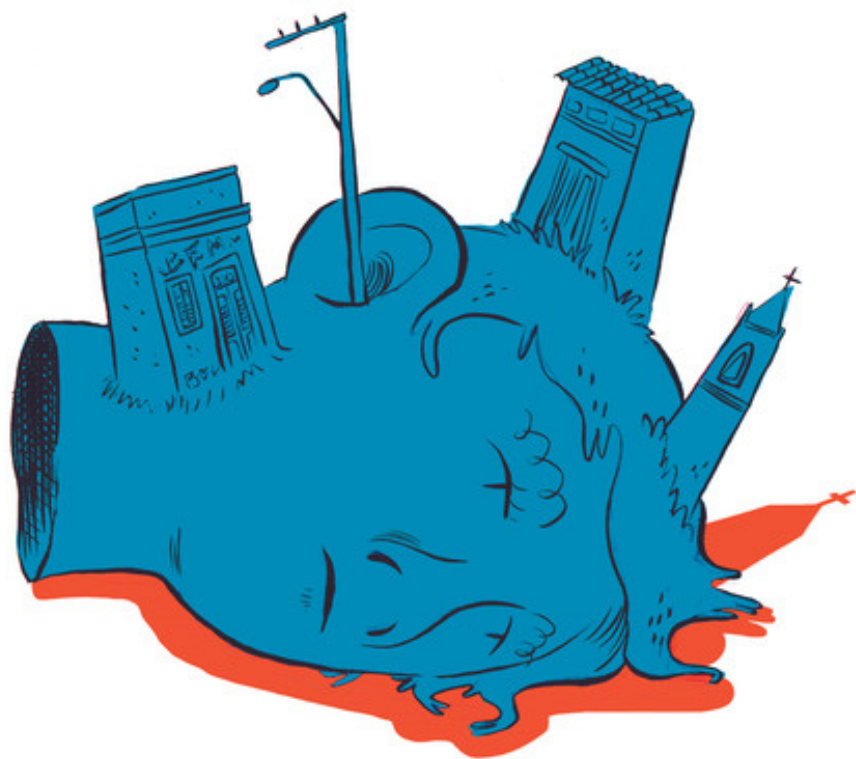
NÃO CONSIGO ME MOVER... TODO MUNDO JÁ FOI EMBORA, ACABOU O CARNAVAL.



AS PAREDES AINDA REBATEM O SOM PARA DENTRO DE MINHA CABEÇA.



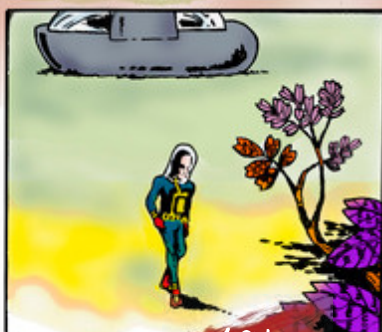
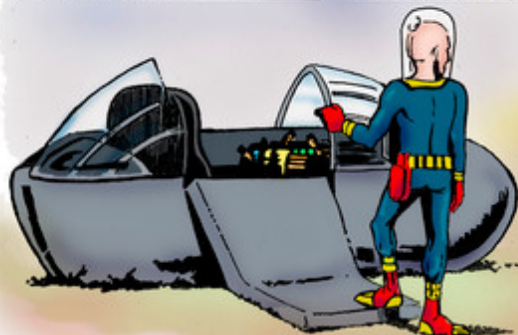
TODO MUNDO JÁ FOI EMBORA, ACABOU O CARNAVAL.



Irmandade

por: Lailson de Holanda Cavalcanti

A IRMANDADE





SENTE-SE,
POR FAVOR.

PERDOE NOSSAS HUMILDES INSTALAÇÕES. O QUE TRAZ TÃO NOBRE VISITANTE A ESTE NOSSO PEQUENO PLANETA?



BEM, ANCIÃO, O IMPÉRIO INTER-GALÁTICO, DA TERRA CHEGA AGORA AO SISTEMA DE ERIDANI. O VOSSO, É O PRIMEIRO PLANETA DESTE SISTEMA QUE NÓS CONTACTAMOS.



A VOSSA CIVILIZAÇÃO, "A IRMANDADE", COMO A CHAMAM, É UM SISTEMA ULTRAPASSADO DE VIVER, SEM MÁQUINAS, VEÍCULOS, INDÚSTRIAS, TUDO O QUE É NECESSÁRIO PARA A VERDADEIRA FELICIDADE.



O QUE VÓS TRAZEMOS É O ADIANTAMENTO SECULAR DO IMPÉRIO TERRESTRE, HARMONIZANDO VOSSA CULTURA COM O RESTO DO UNIVERSO. O QUE VÓS TRAZEMOS, ANCIÃO, É O PROGRESSO!



EM TROCA, É CLARO, VOCÊS PAGARÃO UM PEQUENO TRIBUTO AO IMPÉRIO.



NOSSAS CIVILIZAÇÕES DIFEREM, TALVEZ PORQUE TRILHAMOS DIFERENTES CAMINHOS: VÓS VIAJAIIS PELO ESPAÇO E NÓS NOS MOVIMENTAMOS ATRAVÉS DO TEMPO...

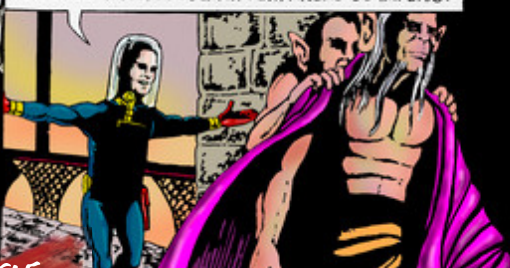


COMO?! QUER DIZER QUE... VOCÊS DESCOBRIRAM UM MEIO DE VIAJAR NO TEMPO? MAS... É IMPOSSÍVEL!!



NADA É IMPOSSÍVEL, ESTRANGEIRO. O TEMPO É UM RIO QUE SE MOVE EM TODAS AS DIREÇÕES E EM DIREÇÃO NENHUMA SIMULTANEAMENTE. ÀS VEZES, DOBRA-SE SOBRE SI MESMO E SEU FIM É SEU PRINCÍPIO... ÀS VEZES ESTENDE-SE POR ERAS INFINITAMENTE IGNORADAS... GOSTARIA DE EXPERIMENTAR?

MAS CLARO! IMAGINE! VER O NASCIMENTO DO HOMEM! A CONQUISTA DO SISTEMA SOLAR! A EXPANSÃO DO IMPÉRIO!

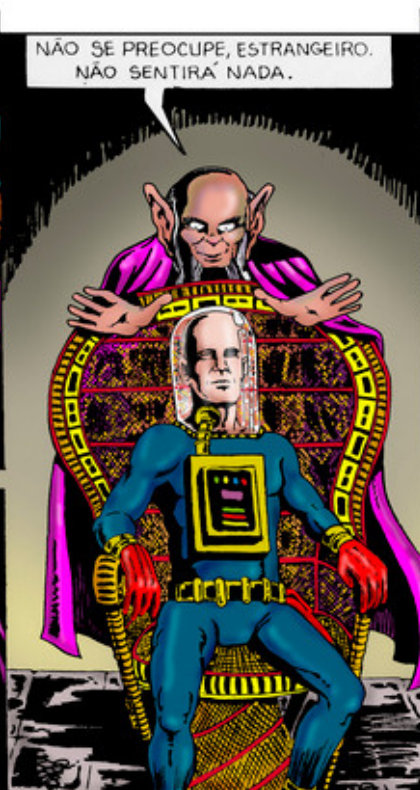




MAS COMO?! É APENAS UMA CADEIRA!?



SIM, SENTE-SE.

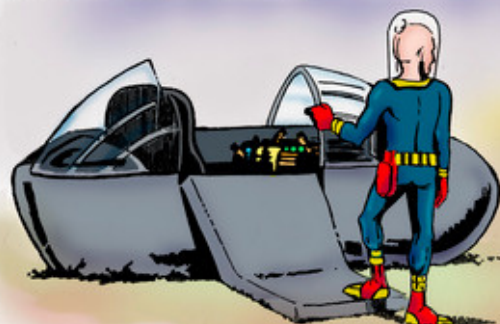


NÃO SE PREOCUPE, ESTRANGEIRO. NÃO SENTIRÁ NADA.



MESTRE...

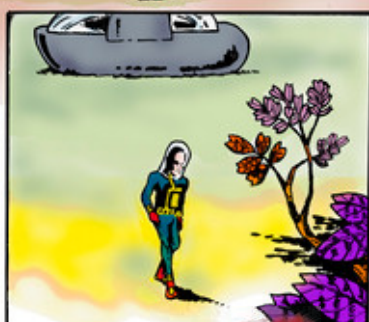
O CÍRCULO SE FECHOU, IBORAN. A IRMANDADE ESTÁ SALVA.



Lalison
81



ENGRAÇADO... TENHO A IMPRESSÃO DE JÁ TER ESTADO AQUI ANTES



ENTRE. O MESTRE O ESPERA.

Alegoria das Raparigas

por: Wilson Chiarelli e Edna Chiarelli

Alegoria das Raparigas

POR WILSON CHIARELLI
E EDNA CHIARELLI

Eu chorava muito e
por algum motivo
que não sei explicar,
tinha muito medo.
Acho que era medo
de apanhar.

Mãe 2.2!

O mesmo que cegou nosso
irmão aos sete anos, depois que
ele mexeu na gaiola do passa-
rinho.

Lembro-me de apanhar por qualquer
coisa que fazia de errado. Eu realizava
atividades domésticas todos os dias e as
falhas de operação me renderam péssimas
memórias.

daquela que dizia ter herdado oito
cruzes com a morte de papai aos trinta –
o cigarro, a bebida e a tuberculose o
consumiram aos poucos.

Acontecia sempre, um
dia sim e outro também.
Era tapa na cara, paula-
da com cabo da vassou-
ra e chicotada com o fio
do ferro de passar roupa.

Mamãe não gostava de mim e, certamente, não gostava dos outros também.

Acredito que o problema estava na forma como se desdobrou seu matrimônio.



Um casamento que ocorreu contra sua vontade...



algum tempo depois de ter se envolvido com um homem comprometido, que realizava um serviço na casa dos pais dela.

Vovô não tolerou a situação e tratou logo de arrumar alguém que a assumisse como esposa.

Papai já havia se declarado a ela anteriormente, e vovô sabia disso. Mamãe não gostava da cor da pele dele, mas a união acabou sendo inevitável.



Como essa relação rendeu tantos rebentos? Não me pergunte, é algo que me questiono até hoje.

O fato é que, depois que papai morreu, ficamos a mercê da própria sorte. Passávamos dificuldades financeiras, vivíamos de migalhas...

sendo para mamãe um alívio nos abandonar com algumas tias e vizinhas.



Era exatamente nesses momentos que nossos primos e tios se aproveitavam



... para mexer em nossas partes íntimas.

E foi, nesse contexto, que Seu Francisco passou a frequentar nossa casa e, em seguida, a morar nela.



Ele não era diferente dos outros e sempre que tinha oportunidade acabava tirando proveito de nós.



Mamãe nunca acreditou em nossas denúncias, e ele nos acusava de loucas e histéricas. Nossa família era completamente desorientada.





Talvez seja por esse motivo que eu e minha irmã, Eleonora, sempre almejamos construir nossas próprias famílias. Eu era muito apegada a ela, sendo a recíproca verdadeira.



Compartilhávamos segredos, casar e ter uma família equilibrada eram apenas alguns deles. Isso explica por que ela desenhava diversas vezes garotas com seus príncipes encantados e filhos.



Se soubesse em que isso acarretaria, teria lutado para evitar tantos devaneios.

Às vezes penso o quanto isso refletiu no seu destino e o quanto deveria ter canalizado parte desses pensamentos para seguir a carreira de dançarina.



Ela era capaz de se contorcer de maneira impressionante. Nunca vi igual.

Eleonora era a mais bela entre todas as irmãs. Seus cabelos eram cacheados, compridos, pesados e estava sempre soltos. Era vaidosa, elegante, menina de poucas palavras.



Sua pele delicada, seu corpo bem delineado com batatas grossas e roliças faziam dela uma verdadeira boneca.

As demandas em casa eram muitas e precisavam ser supridas.

FOME

Mas seu talento e beleza não foram suficientes para livrá-la da vida noturna aos dezesseis anos de idade.



Foi exatamente por seus atributos que ela chamou a atenção de Ricardo, dono da Boate Azul, que ficava na Avenida Rio Branco, próximo ao Cais do Porto.



Mamãe expulsou Eleonora de casa aos gritos, dizendo que não tinha filha rapariga, por ter pintado os cabelos de loiro.



Isso porque ainda não sabia nada sobre sua relação com o estabelecimento comercial de Ricardo.

Depois desse dia, ela não voltou mais a morar com a gente.



A boate passou a ser o seu lar, as meninas da casa, passaram a ser a sua família.

Durante esse período eu a via pouco, tinha que trabalhar e o cotidiano me consumia muito tempo...



além de ter que me adaptar a nova vida de mãe solteira.



Foi aí que as coisas aconteceram, quando achava que estava perto de realizar seus sonhos, durante minha ausência.

Não é que Ricardo fosse má pessoa, longe disso, mas, certamente, não seria ele que tornaria os sonhos de Eleonora realidade. Dizia ser um homem casado e, embora tenha lhe dado dois filhos, nunca a assumiu como esposa.

Ele não podia, não queria, nem faria. Mesmo lhe dando uma condição diferente de todas as meninas da Boate Azul, pois ela passou a ser uma exclusividade dele, jamais deixou de ser a "outra".

Deixou-a esperando por muito tempo, permitiu que alimentasse algo que nunca se consolidaria, algo diferente do que ela tinha em seu antigo lar. Mesmo assim, Ricardo passou a ter novos desejos que deveras a entristeceu.



Edilma era mais velha que Eleonora e mais nova do que eu. Embora também fosse bonita e o xodozinho de papai, na época em que era vivo, acabou se tornando uma garota fria, desbocada, mentirosa e cheia de manhas. Aparentemente, tinha inveja do pouco que tínhamos.



Inescrupulosa, chegou a nos desmentir diante de mamãe quando tentávamos desmascarar Seu Francisco.

Talvez fosse esse o motivo para sempre tentar abafar suas atitudes.

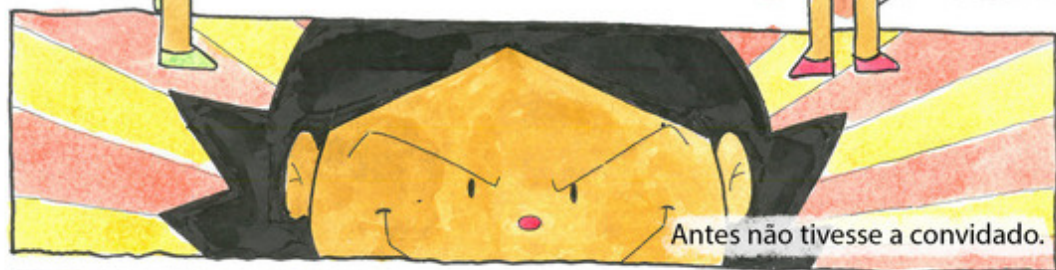
Mas sabíamos que o deixava bem à vontade para fazer o que bem entendesse com ela, em troca de dinheiro.

Ele gostava de pegar em nossas genitálias e seios, e é possível que tenha feito algo mais do que isso com ela.

Mesmo com esse comportamento, Edilma nunca deixou de compartilhar experiências com a gente.

Boate Azul

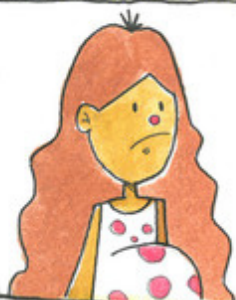
Tanto que ela passou a trabalhar com Eleonora, na Boate Azul, logo em seguida.



Antes não tivesse a convidado.

A condição privilegiada da nossa irmã mais nova logo chamou a atenção dela, inflando seus desejos.

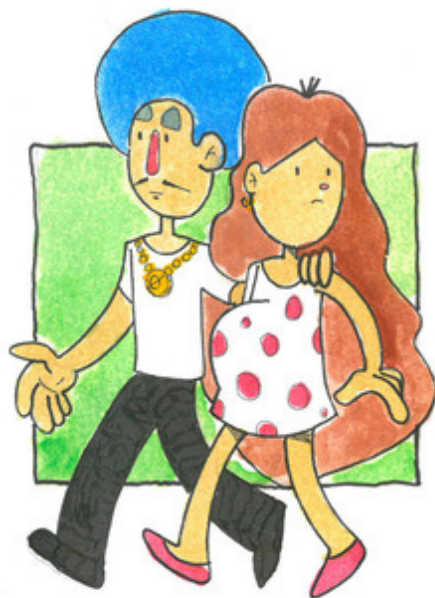
Sequer considerou que Eleonora carregava no ventre o segundo filho deles, "do casal".



Não precisou de muitos esforços para alcançar seus objetivos e chamar a atenção de Ricardo foi uma tarefa simples.



Infelizmente, os laços familiares que as uniam não foram suficientes para evitar uma situação desconfortável.



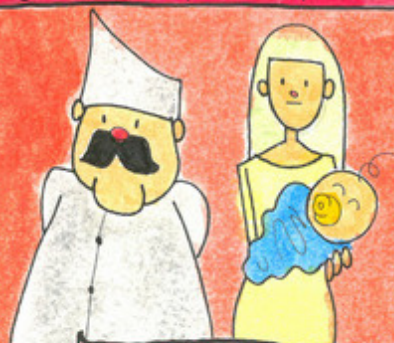
Não demorou muito para que Eleonora descobrisse o que estava acontecendo entre os dois. Há alguns meses, havia entregado seu filho mais velho para morar com a mãe de Ricardo e, com isso, acreditou que, em breve, estaria junto a eles para formar sua família. Nunca aconteceu.



Para falar a verdade, ela nunca mais viu a criança.

Desacreditada, doou o segundo filho a um conhecido, dono de uma peixaria.

A esposa do peixeiro não queria ter filhos, pois temia que a gestação fosse desfigurar seu corpo, mas queria ser mãe.



Depois disso, tivemos poucas notícias sobre o bebê. Perdemos o contato dele, a mãe adotiva cortou todos os seus laços com a gente.

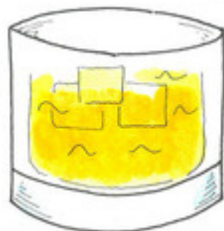
Os sonhos de Eleonora se desmancharam no ar sem que pudesse fazer nada. Percebeu que Edilma continuava saindo com Ricardo e que nada ia mudar. Dividir seu "príncipe" com a própria irmã era insuportável.



Com certeza isso gerou nela um sentimento de impotência. Sem chão, percebeu que a única solução era acabar com a própria dor. Foi então que conseguiu uma caixa de Rohypnol e ingeriu todo seu conteúdo com um copo de whisky barato.

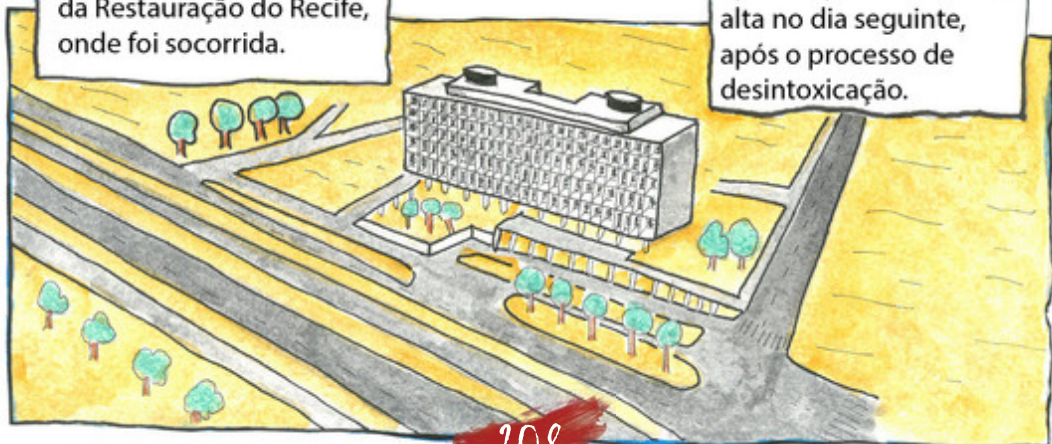


Desilusão
Angústia
Melancolia
Tristeza



Não sei como, mas foi parar direto no Hospital da Restauração do Recife, onde foi socorrida.

Soube do ocorrido apenas quando recebeu alta no dia seguinte, após o processo de desintoxicação.



Os problemas renais já assombravam Eleonora há algum tempo e a tentativa de suicídio apenas agravou seu estado de saúde.



Os médicos recomendaram uma alimentação baseada em líquidos, mas, gluttona que era, acreditou que comer doces não seria um problema.



Uma mistura de inocência com ignorância a enganou.

Assim, no mesmo dia em que recebeu alta, teve que retornar ao HR para ser socorrida novamente.



A situação foi crítica, disseram que não havia agulhas descartáveis para aplicar a medicação.

Não sei ao certo quanto tempo agonizou, mas o diagnóstico apontou que foi uma mistura de problemas no fígado e nos rins.



Eleonora faleceu aos
dezenove anos, no primeiro
semestre de 1977.



Com a morte dela, foi embora
um pedaço de mim.

O que sei é que, depois
disso, Edilma passou a ser
uma pessoa distante.



Ricardo foi embora, morar no Maranhão,
nunca mais soubemos nada sobre ele e
meus sobrinhos.



Dizem que migrou com medo
de ser acusado de algo.

Ele, assim
como
mamãe, não
compareceu
ao velório.



Apenas as meninas da Boate Azul e
uma parte da comunidade da vila
onde morávamos, estiveram lá.



Não há um único dia que
passe e não me lembre dela,
desde que partiu.



Colaboradores



WILSON CHIARELLI é artista visual, graduado em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), especialista em História da Arte pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e mestre em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, sendo professor titular de História da Arte no Colégio Imaculado Coração de Maria. É membro do grupo Laboratório de Estudos sobre o Patrimônio Cultural e Memória Social (LEPAM) e um dos fundadores do Grupo de Extensão e Pesquisa em Arte Sequencial e Cultura Geek (GEPASCGeek) ou Laboratório MangueGeek. Lançou O Curupira, de Flavio Colin, no couro e não abre mão de chocolates e doces de abóbora.



FÁBIO DA SILVA PAIVA é doutor em Educação e pesquisador da área de Quadrinhos. Desenvolve pesquisas sobre as relações de Educação e Quadrinhos. É professor no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Também é autor de Histórias em Quadrinhos na Educação, de 2017, e Educação e Violência nas HQs de Batman, de 2013. Produziu diversas HQs pensadas para o ensino, entre elas estão Revolução Republicana, de 2017, e Identidade, de 2019.



LAILSON DE HOLANDA CAVALCANTI (1952 - 2021) foi cartunista, chargista, desenhista de histórias em quadrinhos, músico, publicitário e jornalista brasileiro. Especialista em humor gráfico, atuou como pesquisador e curador de festivais do tema. Publicou inúmeros trabalhos no Brasil e na Espanha, além de ser autor de adaptações dos clássicos da Literatura Portuguesa e Brasileira para a linguagem da História em Quadrinhos.

ALICE RAMOS LOBO é uma amante das artes ilustrativas. Ela está no caminho para se formar no curso de Licenciatura em Artes Visuais (UFPE) e passa grande parte do tempo rabiscando em seu caderno. Seu universo de fantasias e narrativas únicas vai desde seu cotidiano e memórias afetivas até mundos para além do real. Muito inspirada em quadrinhos diversos, tais como Repeteco e Scott Pilgrim, de Bryan Lee O'Malley, e também no universo do RPG, Alice compartilha um pouco da sua mente criativa através do desenho digital.



BEATRIZ SILVESTRE é estudante de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e faz de conta que é artista. Descobriu por acaso que gosta de contar suas histórias bobas e sentimentos estapafúrdios por meio de quadrinhos; além disso, sofre do terrível hábito de comprar mais livros do que consegue ler.

ALAN GUIMARÃES é um estudante de Letras em um eterno caso com as Artes Visuais. É navegando no mundo dos quadrinhos que ele mistura suas duas paixões; e gosta de tudo nesse contexto: do super-herói ao romance; do histórico à fantasia. Sergipano, vive em Recife desde criança e procura na arte escapar de um mundo perpetuamente em chamas.



JOYCE MIRELY é uma ilustradora, artesã e graduanda em Design (UFPE). Começou sua jornada artística comendo giz aos 3 anos e ama ilustração desde então. Atualmente, trabalha como ilustradora - majoritariamente de livros infantis.

LEONARDO BERTRAND é fotógrafo, músico, realizador audiovisual e trabalha com Artes Visuais desde 2015. Natural de Floresta, no sertão de Pernambuco, e radicado no Recife, é graduando no Bacharelado em Artes Visuais pela UFPE e egresso dos cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Museologia - ambos pela UFPE - e Comunicação Social pela UFCG. É integrante do coletivo Symbolismum desde 2020 e do projeto de extensão MOVENTEMANGUE_ARTE desde 2021.



ROGI SILVA é natural de Olinda /PE. É autor de Aterro, Mergulhão, Pumii do vulcão e Pedra Pome (vencedor do Prêmio Dente de Ouro em 2020.) Teve histórias publicadas nas revistas Plaf e Ragu e desenvolve projetos com cinema de animação e arte visual.

ANNA CAROLINA é graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela UFPE. Atualmente, procura desenvolver sua poética através de projetos ligados ao design, ilustração e pintura. A aquarela foi a primeira técnica artística que despertou sua paixão.



IGOR COSTA é artista visual, ilustrador e virginiano. Graduando em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tenta sempre experimentar novas áreas e técnicas artísticas e gosta de explorar seus sentimentos nas suas produções. Teve o primeiro contato com a Arte através dos filmes e dos quadrinhos do Homem-Aranha. Já bolou diversos planos (in)falíveis para torna-se o “cabeça de teia”, talvez em algum universo tenha funcionado (narrador: não funcionou).

FLOR DAS ÁGUAS. Um broto se empenhando para seguir em desenvolvimento, num ambiente hostil e cheio de espécies invasoras. Entusiasta de coisas vivas, habitualmente busca maneiras de criar imagens não barulhentas e que suscitem vida.



MELLANIE NASCIMENTO é estudante de Artes Visuais na UFPE, futura arte-educadora, bordadeira em momentos de devaneio e artesã (por amor e necessidade). No momento, tem experimentado diversas linguagens visuais na tentativa de encontrar uma identidade e poética próprias.

JOSÉ HYGOR é designer, Ilustrador e viajante no tempo nas horas vagas. Começou sua jornada artística decalcando os gibis do Mickey, e já burlou a Matrix duas vezes: graduando-se em Design pela Universidade Federal de Pernambuco e quando finalizou O nevoeiro, sua HQ.



THALITA GOMES é graduanda do curso de Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e diz ser um projeto de artista, embora não tenha certeza do que significa isso. Míope ao ponto de ser incapaz de pegar um ônibus sem os óculos, entretanto, tem em sua limitação ocular um meio especial de acesso à imaginação.

RONALDO SILVESTRE gosta de desenhar desde criança. Sempre passava para o papel os personagens dos desenhos animados que assistia. Em 2019, decidiu que iria fazer da arte a sua carreira. Em 2020, durante o período de isolamento, migrou para a arte digital e recentemente passou a compartilhar seu trabalho on-line. Amante de jogos e filmes, aspira se tornar um artista freelancer e ilustrador.



MATHEUS DOMINGOS “MD_TIRINHAS” é animador e ilustrador formado na escola Saga. Começou sua jornada artística cedo, fazendo desenhos e historinhas bobas em sala ao invés de prestar atenção no que o professor dizia. Possui projetos com mais de 3 milhões de visualizações no YouTube e até hoje se pergunta como isso aconteceu.

MARINA FLORA é uma estudante em seu último ano do Ensino Médio, que, de vez em quando, brinca de ser artista. Começou a desenhar inspirada por sua irmã, porém, trilhou um caminho próprio ao se apaixonar pelas tintas, aquarelas e pinturas digitais. Não sabe ao certo quais rumos irá tomar nos anos seguintes, mas sabe que em sua vida não faltará arte.



Sobre a história em quadrinhos produzida por Lailson de Holanda Cavalcanti:

1- Ela foi originalmente desenhada em 1981, com pincel e nanquim, sobre papel Fabriano, no estilo "manchado";

2 - Seus originais foram enviados para uma revista da Editora Vecchi, que tinha histórias de terror e ficção científica, mas nunca foram publicados, nem devolvidos;

3- Como naquele tempo não existia digitalização e os originais eram maiores do que caberia numa xérox, foram feitas cópias de contato (PMT) em alto contraste, porém, reduzidas para um quarto do tamanho original;

4 - O resultado que o leitor tem em mãos, trata-se de uma nova digitalização, com resolução maior, feita a partir de uma operação produzida há uns 12 anos, com baixa resolução;

5 - O texto dos balões foi mantido na forma original, ou seja, todo escrito à mão;

6 - Os originais eram monocromáticos.

*Informações fornecidas pelo próprio autor.

RETALHOS

de poéticas visuais e arte sequencial

Organização Wilson Chiarelli
Fabio Paiva

Formato E-book (PDF)

Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
editora@ufpe.br | editora.ufpe.br

JOYCE MIRELY; ALICE RAMOS LOBO; ALAN GUIMARÃES; IGOR COSTA;
JOSÉ HYGOR; LEONARDO BERTRAND; THALITA GOMES; ANNA CAROLINA;
FLOR DAS ÁGUAS; BEATRIZ SILVESTRE; MELLANIE NASCIMENTO;
MATHEUS DOMINGOS; MARINA FLORA; ROGI SILVA; LAILSON DE HOLANDA;
RONALDO SILVESTRE



LEPAM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E INTERVENÇÃO
EM PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL

ISBN 978-65-5962-158-3

